

The background of the entire page is a light gray line-art map of a city grid. The grid is composed of numerous rectangular blocks of varying sizes, with some areas showing more complex, curved street patterns. The lines are thin and uniform in weight, creating a subtle, textured backdrop for the text.

# RESSIGNIFICAÇÃO E CONEXÃO

ESPAÇO QUALIFICADO PÚBLICO NO BANHADO

LETÍCIA JARDINI  
TGI II . IAU USP

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

INSTITUTO DE ARQUITETURA E URBANISMO

LETICIA JARDINI BRAULINO DE MELO

## RESSIGNIFICAÇÃO E CONEXÃO

Espaço qualificado público no Banhado

TRABALHO DE GRADUAÇÃO INTEGRADO

MEMBROS DA COMISSÃO DE ACOMPANHAMENTO PERMANENTE

David Moreno Sperling

Joubert Jose Lancha

Luciana Bongiovanni M. Shenk

COORDENADORA DE GRUPO TEMÁTICO

Simone Helena Tanoue Vizioli

São Carlos

Fevereiro de 2021

AUTORIZO A REPRODUCAO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO,  
POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRONICO, PARA FINS  
DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE

# Letícia Jardini Braulino de Melo

## RESSIGNIFICAÇÃO E CONEXÃO

### ESPAÇO QUALIFICADO PÚBLICO NO BANHADO

Trabalho de Graduação Integrado apresentado ao Instituto de  
Arquitetura e Urbanismo da USP – Campus de São Carlos

APROVADA EM:

#### BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Drº Joubert Jose Lancha

---

Prof. Drª Simone Helena Tanoue Vizioli

---

Professor convidado

Aprovado em:     /02/2021

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do Instituto de Arquitetura e Urbanismo  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

MM528r     Melo, Leticia Jardini Braulino de  
              Ressignificação e conexão. Espaço qualificado  
              público no Banhado / Leticia Jardini Braulino de  
              Melo. -- São Carlos, 2021.  
              119 p.

              Trabalho de Graduação Integrado (Graduação em  
              Arquitetura e Urbanismo) -- Instituto de Arquitetura  
              e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2021.

              1. conexão. 2. Banhado. 3. sistema. 4. paisagem.  
              I. Título.

Bibliotecária responsável pela estrutura de catalogação da publicação de acordo com a AACR2:  
Brianda de Oliveira Ordonho Sígolo - CRB - 8/8229



## RESUMO

Entender a natureza como elemento de qualificação do desenho urbano, para além de sua existência meramente como elemento visual, mas sua atuação no bem estar e no uso público da sociedade, relacionadas às questões sociais, mentais e de pertencimento, além da sua importância primordial, a ambiental, em um ecossistema. Diante desse fato, este projeto, localizado na cidade de São José dos Campos, mais especificamente na região do Banhado, propõe um sistema de conexões entendendo que são diversos os contextos que apontam a necessidade dessa ligação. Assim, o trabalho possui estudos para conexão e o desenvolvimento de um deles a fim de dimensionar e ilustrar o sistema.

# SUMÁRIO

1. QUESTÕES

2. LEITURAS URBANAS

3. AÇÕES PROJETUAIS

4. PROJETO

5. REFERÊNCIAS

## Bem estar resultado do espaço qualificado de uso público

A cidade é o espaço da experiência coletiva e também da construção coletiva e é, a partir dela, que se estabelecem as relações sociais atuais. São diversas as camadas que a compõe, e que serão apresentadas mais adiante, mas, por ora, será apresentada a questão do espaço público.

O espaço público apresenta-se, por excelência, como o lugar do encontro democrático e heterogêneo, onde se desenvolve o sentimento de pertencimento e as construções culturais se consolidam. Bauman (2009), sociólogo que discute as relações sociais da modernidade, ressalta a importância dos espaços públicos como espaço do encontro, das alegrias, das dores; é o lugar da descoberta, do aprendizado e da prática dos costumes da vida urbana. A vivência dessas experiências é que o transforma em lugar e entender o seu valor para a cidade e para a vida urbana está intrinsecamente relacionado a qualidade de vida dos cidadãos.

Por isso, o olhar atento aos tipos de espaço que estão sendo produzidos nas cidades é tão importante. Camadas como história, singularidades, identidades necessitam ser norteadoras de desenhos de espaços públicos, pensando, especialmente, a conexão e apropriação das pessoas nesses espaços, acolhendo a dimensão coletiva da cidade.

A atuação com políticas públicas de estímulo e cuidado desses espaços é crucial, existindo diversos casos, positivos e negativos, que

exemplificam essa necessidade. Um exemplo é a cidade de Glasgow, uma cidade com muitos problemas sociais resultantes de políticas públicas má empregadas e equivocadas, aplicadas no pós-guerra, em um cenário de superlotação da cidade. A proposta do governo foi de construção de grandes arranha-céus na periferia da cidade, além de transferir parte dessa população para cidades vizinhas, que seriam construídas exclusivamente para receber essa população. O resultado, poucas décadas depois, já era claro. Foi considerado desastroso e os resultados eram visíveis na população.

Pautado dos princípios de habitação coletiva do modernismo, principalmente na habitação de Marseille, de Le Corbusier, a construção de edifícios residenciais enormes, logo se transformaram em espaços marginalizados, com problemas sociais e más condições de infraestrutura. Assim como aconteceu no conjunto habitacional Pruitt-Igoe, os danos sociais causados pela construção não só do edifício, mas da ideia de vivência coletiva em um grande número de pessoas e a falta da atuação de políticas públicas para manutenção e desenvolvimento desse espaço, resultaram numa solução imediatista e radical: a implosão dos edifícios.

Para além do cenário catastrófico da vivência nessas habitações, a questão da saúde mental, ligada às políticas e cuidados com os espaços urbanos ficou claro. Os dados indicam que a mortalidade de Glasgow era até 8 anos mais baixa para homens em comparação com cidades como Londres. E muitas das causas das mortes estavam relacionadas às questões psíquicas. Apontou-se que, **uma cidade com problemas de mobilidade, infraestrutura urbana, saúde, educação, poucas áreas de lazer e segurança**, por exemplo, **propicia um ambiente mais maçante ao cidadão e resulta em uma qualidade de vida**

**pior, principalmente para aqueles de classes mais inferiores e que dependem de um sistema de qualidade** para, não só usufruir da cidade, com também para manter o bem-estar.

Assim, constata-se que a vivência numa cidade vai muito além de ações como morar, trabalhar, consumir. A necessidade da convivência em espaço qualificados é essencial para o bem estar. A ação de projetar e atuar com políticas de bem-estar social no espaço público é de suma importância. A vivência, de sociabilidade, com qualidade espacial, propicia espaços habitados, seguros, de pertencimento e, por isso, inclusive, tendem a ser cuidados e protegidos pelos próprios usuários, que se identificam com aquele lugar e prezam por ele.

O objetivo e papel da arquitetura nesse contexto, como defende Okamoto (2002), mais do que a construção de abrigo para as necessidades básicas e utilitárias do homem, é a de **atender às suas aspirações**, que, inclusive, mudam ao longo da vida. O arquiteto tem o dever de procurar atender a **permanente necessidade de uma interação afetiva do homem com o meio ambiente**, como diz Okamoto, “[...] favorecendo seu crescimento pessoal, a harmonia do relacionamento social e, acima de tudo, aumentando a qualidade de vida” (2002, p.11).

É importante entender também que todos os lugares são de pertencimento da sociedade e não se baseiam único e exclusivamente a um público, ou assim deveria ser. Assim como espaços que se restringem à um público, mesmo com as melhores qualidades espaciais, se torna excludente, o espaço também deve pensar nas particularidades e necessidades de grupos específicos, tanto no âmbito de acessibilidade, conforto físico, segurança, quanto em **questões psicológicas e sensoriais**. É desta forma que ele se torna inclusivo, habitado e seguro.

Assim, a partir dessas questões, acredita-se que, a proposição de um espaço que articule a vivência pública, possibilite e consolide o convívio social e ainda evidencie a importância do cuidado com as especificidades, com as necessidades e com o tratamento do espaço como promotor do bem-estar social.

## A relação lugar, homem e ambiente

Conforme pontuando anteriormente, a cidade é constituída de diversas camadas, sendo o território uma delas. Essa, para além da dimensão geográfica ou política, apresenta outras faces, quando lida em associação a outras condicionantes. É essa somatória que condiciona o lugar, conceito este, associado a diversas esferas, como as naturais, culturais, sociais, históricas.

O arquiteto Christian Norberg-Schutz discute a questão do lugar a partir de uma parcela de arquitetos que fazem uma leitura equivocada da ideologia do Movimento Moderno, uma vez que, a partir de uma leitura muito racional das camadas da cidade, os espaços projetados se constituem desprovidos de significados, de identidade, descolados da paisagem, da cultura, da sociedade, não se caracterizando como lugares. **Este movimento acaba por fazer os espaços não serem convidativos e as pessoas não se sentirem parte da cidade.**

“O Homem habita quando consegue se orientar e identificar-se com o meio envolvente ou, em suma, quando experimenta a envolvente como significativa. A moradia implica, portanto, algo mais do que um abrigo”. (NORBERG-SCHULZ, 1980, P.05)

O Genius loci, conceito romano, é apresentado por Norberg-Schulz para descrever um espaço e evidenciá-lo, adentrando **ao que ele quer ser**, buscando compreender qual é a **vocação que aquele lugar apresenta**. E é a arquitetura a ponte para a concretização das formas de habitar, com a qual a humanidade irá se defrontar.

Este conceito carece de um olhar também mais aprofundado ao entendimento do que é o habitar e como este está relacionado ao lugar. O filósofo alemão Martin Heidegger desenvolve sua linha de argumentação quanto ao habitar a partir da relação deste com a construção. Muitas construções, como pontes, estádios, estações, apesar de não serem habitações, estão no âmbito do nosso habitar, constituem nossa vivência, são abrigos da cidade. **Habitar, seria então o fim que se impõe a todo construir.**

“enquanto não pensarmos que todo construir é em si mesmo um habitar, não poderemos nem uma só vez questionar de maneira suficiente e muito menos decidir de modo apropriado o que o construir de construções é em seu vigor de essência. Não habitamos porque construímos. Ao contrário. Construímos e chegamos a construir à medida que habitamos, ou seja, à medida que somos como aqueles que habitam.” (1954)

E ainda, para ilustrar a reflexão do que é propriamente uma coisa construída, apresenta o exemplo de uma ponte:

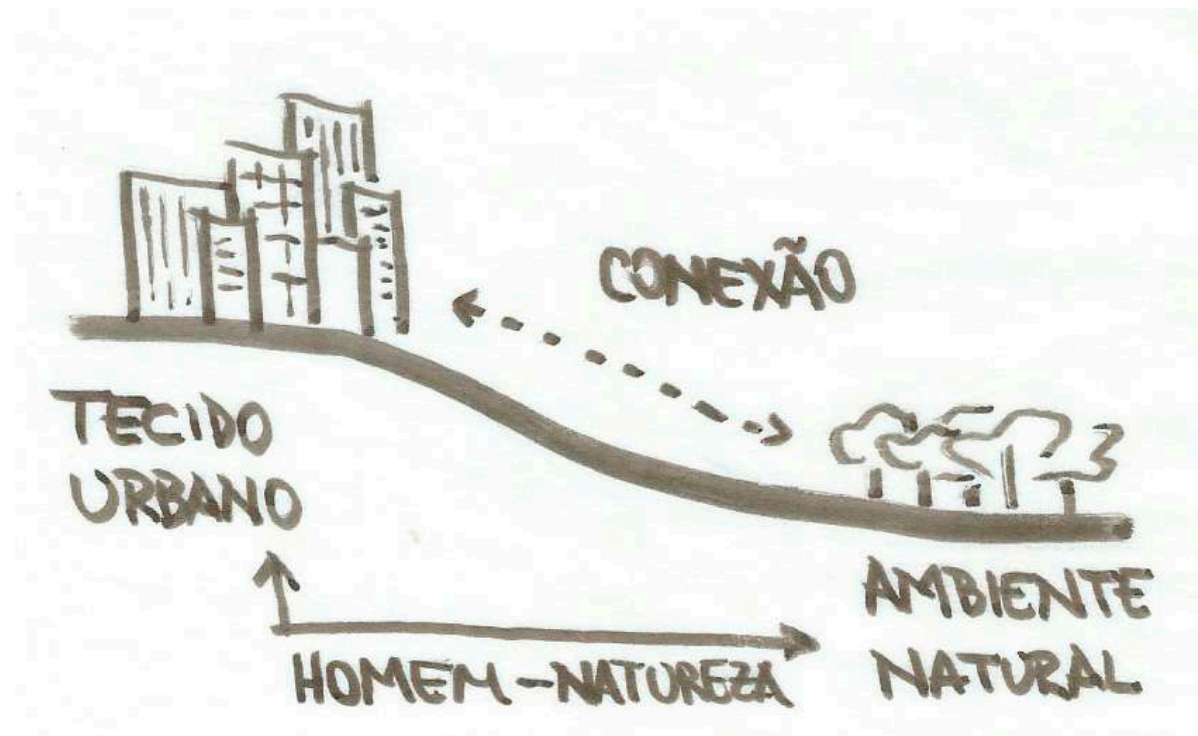
“A ponte pende “com leveza e força” sobre o rio. A ponte não apenas liga margens previamente existentes. É somente na travessia da ponte que as margens surgem como margens. A ponte as deixa repousar de maneira própria uma frente à outra. Pela ponte, um lado se separa do outro. As margens também não se estendem ao longo do rio como traçados indiferentes da terra firme. Com as margens, a ponte traz para o rio as dimensões do terreno retraída em cada margem. A ponte coloca

numa vizinhança recíproca a margem e o terreno. A ponte reúne integrando a terra como paisagem em torno do rio.” (1954)

Voltando-se a apresentação das camadas que constituem o ambiente urbano, é interessante pontuar como a cidade contemporânea evidencia mudanças e novos contextos. É crescente o interesse pelo **ambiente sensorial**, constituído de percepções, paisagens, sensações, ambiências e experiências (THIBAUD, 2010). De encontro com esse interesse, é importante destacar os questionamentos e as ações contemporâneas que desviam o percurso para a concretização desse interesse, como por exemplo, os problemas ambientais e o caráter público que os espaços urbanos têm apresentado. Essa movimentação é importante pois se trata da maneira como habitamos o espaço urbano, o experimentamos.

Gradativamente, **o entendimento do meio ambiente como parte do ambiente urbano**, campo da experiência estética, vem se desenvolvendo. Primeiro, essa estética ambiental desenvolveu-se como arte do paisagismo, dos espaços selvagens e das áreas agrícolas. Atualmente, essa abordagem se debruça no ambiente construído em meio urbano, visto os novos entendimentos da **relação homem – natureza** e as **relações que ela estabelece para além do visual**.

“Portanto, o meio ambiente não é um mero recipiente ou uma entidade externa que pode ser estudada independentemente da experiência que ele cria. Nesta perspectiva, o ser humano é necessariamente conectado com o mundo do qual ele participa. Assim, podemos falar em engajamento estético, que é uma noção-chave da estética ambiental. Ao invés de conceber o sujeito como um observador que não se envolve com o mundo que ele observa, ele deve ser visto como um participante ativo engajado nas situações a que é confrontado.” (THIBAUD, 2010, p.9)



Ademais, relação homem - natureza também deve ir muito além da relação de extração de recursos minerais, vegetais e animais. As relações emocionais, sensoriais, de aprendizagem e respeito com a biodiversidade, atualmente vem ganhando espaço, por um esgotamento e desequilíbrio causado pelo homem. Assim, muitos projetos buscam identificar os critérios necessários para a **conciliação das relações, de forma mutua**.

Em harmonia com meio ambiental, as ambiências devem ser operações feitas não apenas no contexto material e físico da cidade, mas também em seus componentes sensíveis e imateriais.

“De uma certa forma, pode-se dizer que os espaços habitados não são mais concebidos unicamente a partir de um ponto de vista visual: eles também tendem a ser criados com base na sonoridade, na luz, nas possibilidades olfativas, na temperatura e ventilação. Cada vez mais, os projetos que pretendem transformar o ambiente urbano envolvem, de uma forma cada vez mais explícita, uma gama completa de condições sensoriais.” (THIBAUD, 2010, p.12)

A arquiteta e professora Vera Pallamin desenvolve os fundamentos da percepção da paisagem e retoma Georg Simmel (Filosofia na Paisagem, 1913) o qual ressalta o aspecto intrínseco à relação entre olhar a paisagem e o sentimento estético envolvido, denominado como Stimmung da paisagem:

“A Stimmung não está depositada física e objetivamente na paisagem, mas articula-se no modo como é percebida e apreendida (esteticamente) por aquele que a percebe. A atmosfera de uma paisagem diz respeito à apreensão de algo que não está completamente isolado daquele que a percebe, e nem completamente no interior deste, como se fosse mera projeção de uma experiência interna, de uma história pessoal. Ela está no ponto de encontro entre um e outro, e mobiliza

uma estrutura de reciprocidade entre o corpo e o sítio, a cena, que faz com que esse lugar se conforme como uma paisagem. Não existe, portanto, paisagem naturalmente dada, sendo resultante desta mediação.” (PALLAMIN, 2015)

Também traz a compreensão fenomenológica da percepção pautada na filosofia de Maurice Merleau-Ponty, que trabalhada a ideia de que há um “logos do mundo estético”, produção constante de sentido no sensível, no campo de presença do corpo e no mundo. Assim, no visível da paisagem há um apelo de sentido, há uma expressividade, apreensível em sua Stimmung. (PALLAMIN)

Exemplificando o entendimento da fenomenologia na arquitetura, o arquiteto Tadao Ando provocou, na segunda metade do século XX, profundas mudanças na forma de projetar, apresentando soluções individuais e profundamente conectadas à seus contextos específicos, colocando-o como uma das mais importantes figuras do regionalismo crítico.

Através da arquitetura, Ando se apropria de elementos como a luz, a sombra e a água, transformando por completo a compreensão dos espaços através das diferentes percepções que esses elementos promovem e resgatando sensações e lembranças de releituras da tradição japonesa.

## 1.1 REFERÊNCIAS CONCEITUAIS

# SERPENTINE PAVILION

Localização: Londres, Hyde Park

Ano: 2012

Arquitetos: Ai Weiwei e Herzog & De Meuron

Construído como equipamento temporário, de acesso livre e gratuito, próximo às Galerias Serpentine em Londres, os arquitetos conceberam um projeto que instiga os visitantes a olharem para baixo da grande plataforma flutuante, os seja, para além do nível do olhar. Assim, se depararem com a estrutura, o conceito central do projeto, um retrocesso ao legado das edições anteriores. O convite para a curiosidade e para algo a ser descoberto são referenciais conceituais que se destacam no projeto.



figura 1 . Cobertura e recorte do terreno caracterizam o projeto. Fonte: [www.serpentine-galleries.org](http://www.serpentine-galleries.org)



figura 2 . Espaço coberto pelo pavilhão. Fonte: [www.archdaily.com](http://www.archdaily.com)



figura 3 . Cobertura do pavilhão vista de cima. Fonte: [www.archdaily.com](http://www.archdaily.com)

# SQUARE IN MALLABIA

Localização: Mallabia, Espanha

Ano: 2018

Arquitetos: azab

O conceito que o projeto explora visa recuperar, através da arquitetura, um espaço tradicional, do qual os habitantes se identificam, seja pela memória, pela paisagem ou tradição. Buscam assim, resgatar e atualizar seus usos e qualidades espaciais, facilitando o processo de identificação e propiciando um espaço que atenda as mais variadas idades, além de reafirmar a importância de um lugar central público para a vida social da cidade. Ademais, a sociabilização pode ocorrer de diversas maneiras, uma vez que o projeto não se emoldura em um programa específico e possibilita o uso em diferentes momentos.



figura 4 . Praça na qual o projeto se localiza. Fonte: [www.revistaplot.com.br](http://www.revistaplot.com.br)



figura 5 . Arquibancada de uso múltiplo. Fonte: [www.archdaily.com](http://www.archdaily.com)

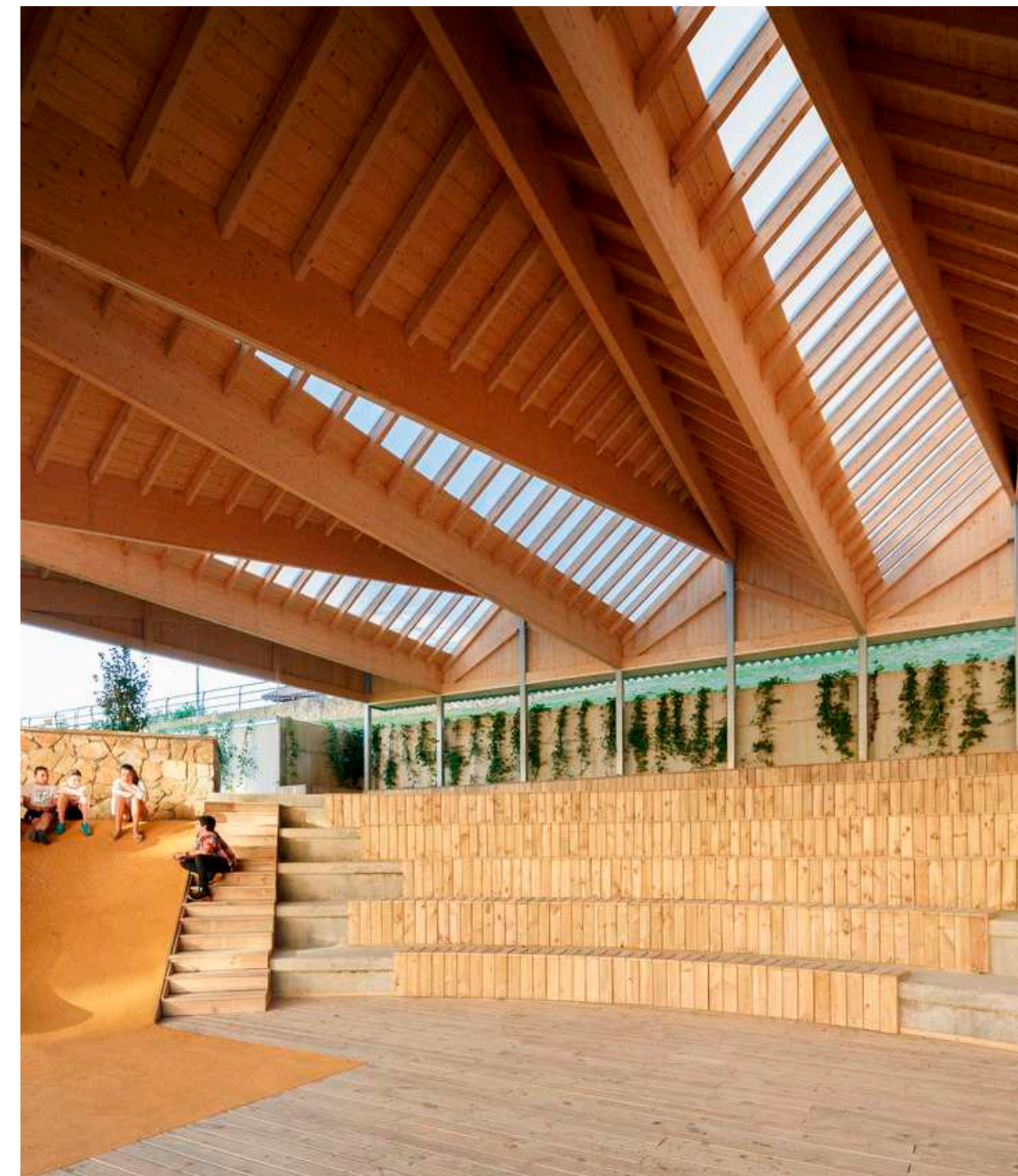


figura 6 . Cobertura da arquibancada. Fonte: [www.archdaily.com](http://www.archdaily.com)

# WATER TEMPLE

Localização: Tsuna, Japão

Ano: 1990-1991

Arquitetos: Tadao Ando

Complementar ao Templo de uma das mais antigas seitas do budismo tântrico, Ninnaji Shingon Sect, o projeto representa uma mudança na forma tradicional de construção de templo e, mais do que um edifício, torna-se uma experiência sensorial. Assim, do caminhar até o edifício, passando por uma sucessão de diferentes “sítios de iniciação”, até o momento de descer para o espaço sagrado (em que inverte a lógica tradicional desta rota), todos os espaços proporcionam diferentes sensações, seja pela altura dos muros, estreitamento dos espaços, ou até mesmo cores predominantes do ambiente.



figura 8 . Entrada através de uma abertura no espelho d'água. Fonte: [www.japanvisitor.com](http://www.japanvisitor.com)

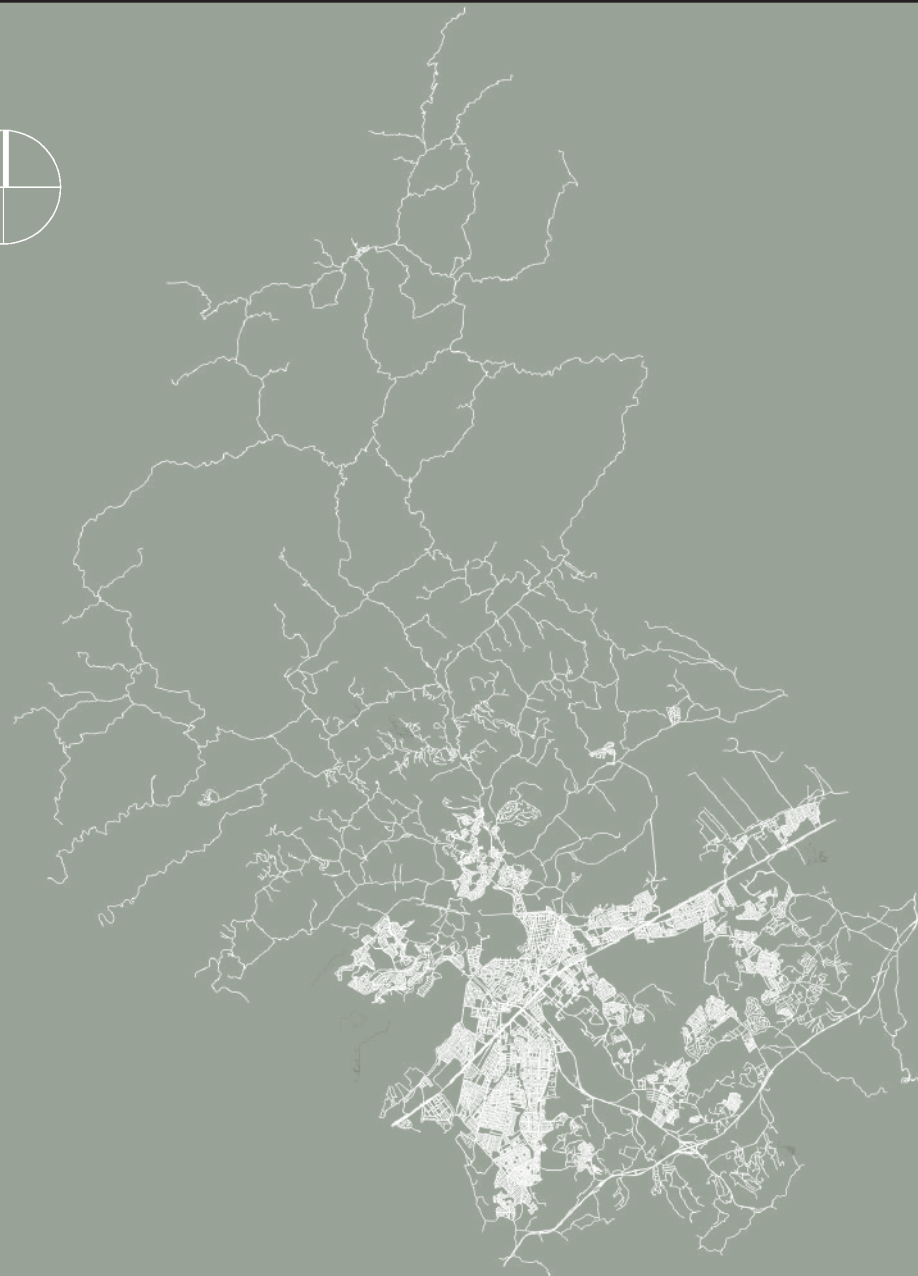


figura 9 . Divisão que proporcionam novos caminhos. Fonte: [www.japanvisitor.com](http://www.japanvisitor.com)



figura 7 . Projeto localiza-se em uma floresta. Fonte: [www.flickr.com](http://www.flickr.com)

## 2. LEITURAS URBANAS



## 2.1 A CIDADE

Consulta de dados em:  
<http://planodiretor.sjc.sp.gov.br/home>

<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/sao-jose-dos-campos/panorama>

## Geografia

A cidade de São José dos Campos, como visto anteriormente, está localizada na Região Metropolitana do Vale do Paraíba e Litoral Norte, a leste da capital São Paulo, e pode ser considerada uma das cidades de maior impacto econômico da região. Ocupa uma área de 1.099,41 km<sup>2</sup>, dos quais 353,9 km<sup>2</sup> estão no perímetro urbano e possui população estimada em 722 mil habitantes, sendo a quinta cidade mais populosa do Estado de São Paulo. Possui dois distritos municipais: Eugênio de Melo e São Francisco Xavier.

Localizada na bacia hidrográfica do Rio Paraíba do Sul, que se estende pelo sul de Minas Gerais e leste do Rio de Janeiro, apresenta uma formação geológica singular em um ponto de sua várzea, com uma extensa planície e declive acentuado em forma semicircular, nomeado como Banhado e será apresentado de forma mais específica posteriormente.

Marcada pela presença de rodovias, em especial a Rodovia Presidente Dutra, a cidade tem sua economia equilibrada entre o setor secundário e terciário, e parte disso se deve a facilidade de acesso tanto para trabalhadores pendulares quanto para a importação e exportação de produtos.

No quesito cultural, a Fundação Cultural Cassiano Ricardo é a responsável por planejar e executar a política cultural da cidade. Apesar dos índices anteriores evidenciarem uma cidade de considerável destaque, o setor cultural, tais como as práticas de lazer e desportivas, ainda são pouco expressivas, mas vem sendo trabalhadas pela prefeitura.

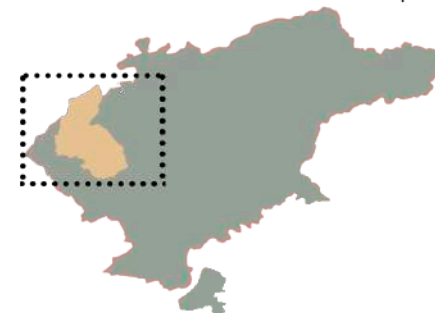
Estado de São Paulo



Região Metropolitana do Vale do Paraíba e Litoral Norte



Município de São José dos Campos



# História

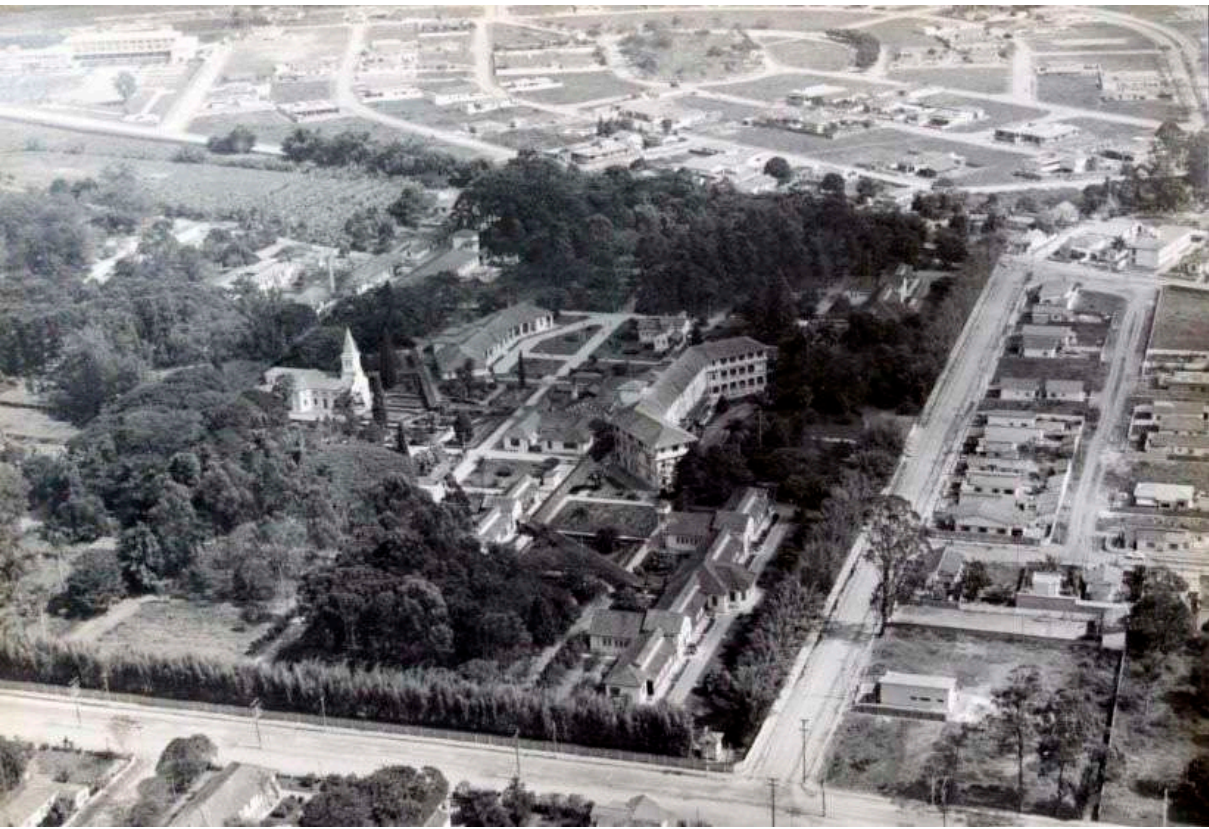
A região do Vale do Paraíba, marcada pela história da economia cafeeira no século XIX, deu impulso para muitas vilas terem suas economias alavancadas e haver o crescimento populacional de forma significativa. Apesar disso, no início do século XX, com a descentralização do cultivo e migração para o Oeste Paulista, muitas cidades viram sua economia encolher e a população reduzir. Singular às outras cidades da região, São José dos Campos não possuía sua economia baseada somente no café, possuindo apenas fazendas de porte pequeno e médio na zona rural.

Assim, diferente de demais pólos paulistas, São José dos Campos se industrializou sem que estabelecesse qualquer ligação com o complexo cafeeiro. No séculos XX, São José dos Campos passou por um longo processo de centralização e concentração de investimentos, população e indústrias, se tornando local de destaque no Vale do Paraíba. O marco foi a questão sanatorial que atuou fortemente no setor terciário, através da instalação de serviços variados para atendimento dos doentes.

Esse período foi de grande importância para a cidade, pois, com a presença de doentes, fez-se necessárias intervenções urbanísticas e políticas públicas na cidade, atendendo aos cuidados para lidar com a doença e as necessidades do crescimento populacional que já se fazia presente.

Atraídos pelos ares, os doentes do peito chegavam aos bandos, procurando salvação. Foi pela via da doença que a cidade se modernizou. Essa modernização foi impressa em prédios, estruturas urbanas e bairros planejados, pela indústria e pela técnica, pela limpeza das ruas e

figura 10 . Sanatório Vicentina Aranha. Fonte: <http://i.pinimg.com/originals/35/7c/ff/357cff-0c4facbe48ff1354f81aa1ed03>



Excerto disponível em: <http://www.camarasjc.sp.gov.br/promemoria/historia-sjc>

alargamento das avenidas.

A cidade sanatorial transformou São José em um grande laboratório de políticas e projetos. A cidade era um depósito de balões de ensaio de instituições paulistanas, como a Santa Casa de Misericórdia. Numa ação conjunta da filantropia e do Estado, a cidade de São José dos Campos, estrategicamente colocada no caminho da Metrópole, acabava acolhendo os doentes que a capital paulista não dava conta de tratar. O sanatório Vicentina Aranha, patrocinado pela Santa Casa de São Paulo é inaugurado depois de muita campanha assistencialista, levando o nome da esposa do Senador Olavo Egydio de Souza Aranha, pela força da sua campanha caritativa.

Com destaque no Vale do Paraíba e considerado pólo regional do Estado de São Paulo, a cidade sentiu os impactos políticos do séculos XIX. Marcado por dois períodos ditatoriais, praticamente consecutivos (Estado Novo e Ditadura militar), São José dos Campos foi alvo de maiores intervenções do que em outras cidades, acarretando em uma transformação definitiva do rumo econômico, social e político da cidade.

A partir da fase sanatorial que a cidade consolida a atração de migrantes, principalmente pobres e doentes, e dá início a uma nova fase da cidade. Exemplo disso, é o decreto que transforma a cidade em Estância Climática e Hidromineral, em que o Estado busca disciplinar a cidade, colocando em pauta as necessidades do espaço e as condutas em relação à doença.

Assim, ocorre uma segregação espacial na cidade, separando sãos e doentes. Na época, a doença era considerada típica dos pobres e operários, e foi essa leitura que orquestrou a expulsão dessas pessoas do centro da cidade, usando como justificativa a necessidade de higienização e defesa da população como um todo no impedimento da

transmissão da doença. Além disso, houve também a desapropriação dos moradores da orla do Banhado, por se considerar as habitações e o modo de viver insalubres e possíveis focos de contaminação. As avenidas também foram foco de transformações, sendo alargadas para darem vazão ao ar e se tornarem salubres. As reformas evidenciavam o grande medo do contágio presente na mentalidade dos moradores.

Em 1938, com isso, acontece o primeiro grande zoneamento, dividindo a cidade em zonas sanatorial, industrial, residencial e comercial. Nessa divisão funcional do espaço, os tuberculosos se isolavam dos trabalhadores e ocupavam a parte alta da cidade.

Este foi o momento no qual São José dos Campos passou a receber investimentos estatais e a fazer parte das estratégias governamentais, criando as bases infra-estruturais que viabilizaram a cidade industrial moderna. A partir de incentivos da Prefeitura, deu-se início ao processo de industrialização, chegando na década de 20, as primeiras fábricas: as cerâmicas e a Tecelagem Parahyba que se instalaram no bairro de Santana, primeiro bairro industrial. Como um todo, o processo de industrialização está dividido em três grandes fases:

A primeira fase situa-se entre os anos de 1920 e o final da década da 1940 e caracterizam-se por representam o setor de cerâmica e tecelagem, com a presença de fábricas como a Louças Irmãos Weiss, Cerâmica Conrado Bonádio e Tecelagem Parahyba. Essa última chegou a deter 70% da produção nacional de cobertores caracterizou-se por seu assistencialismo, com a construção de uma vila operária, escola da fábrica e cooperativa de alimentos. Esse assistencialismo tinha como contrapartida um controle maior dos trabalhadores, inclusive nos momentos de lazer.

figura 11 . Centro e Banhado.  
Fonte: [http://www.achetudoeregiao.com.br/sp/sao\\_jose\\_dos\\_campos/foto.htm](http://www.achetudoeregiao.com.br/sp/sao_jose_dos_campos/foto.htm)



A segunda fase acontece a partir da década de 1950 até final dos anos 1960. O parque industrial caracteriza-se pela diversidade da produção. A modernização da tecelagem começa com a vinda das fábricas Kanebo e Rodhosá (Rhódia). As indústrias que se instalam, porém, são dos mais variados tipos: Johnson e Johnson, na área farmacêutica; Ericsson, telefones e componentes eletrônicos; Bendix, eletrodomésticos; General Motors, automóveis; Eaton, indústria de peças para automóveis; e ainda no final dos anos 1950, despontam as indústrias aeronáutica, a Avibrás; Alpargatas, indústria de calçados e a Kodak.

Outra novidade que impulsionou a região foi a Rodovia Presidente Dutra, inaugurada em 1951, que liga as grandes metrópoles Rio de Janeiro e São Paulo. Além disso, houve a criação do Centro Técnico Aeronáutico (CTA), hoje Aeroespacial, do Instituto Tecnológico Aeroespacial (ITA) e do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE), demonstrando o forte caminho tecnológico que a cidade seguia.

A terceira fase da industrialização situa-se a partir da década de 70 em diante, e tem como marco a criação da Embraer, em 1969, um marco na história da cidade. Acentua-se assim o perfil da cidade em relação à alta tecnologia. O novo crescimento industrial caracterizou-se por atender o projeto de sociedade e os desejos estratégicos dos militares no poder. Assim a Embraer, como a indústria bélica que se instalava na cidade, correspondiam a uma visão de mundo pragmática e militarista.

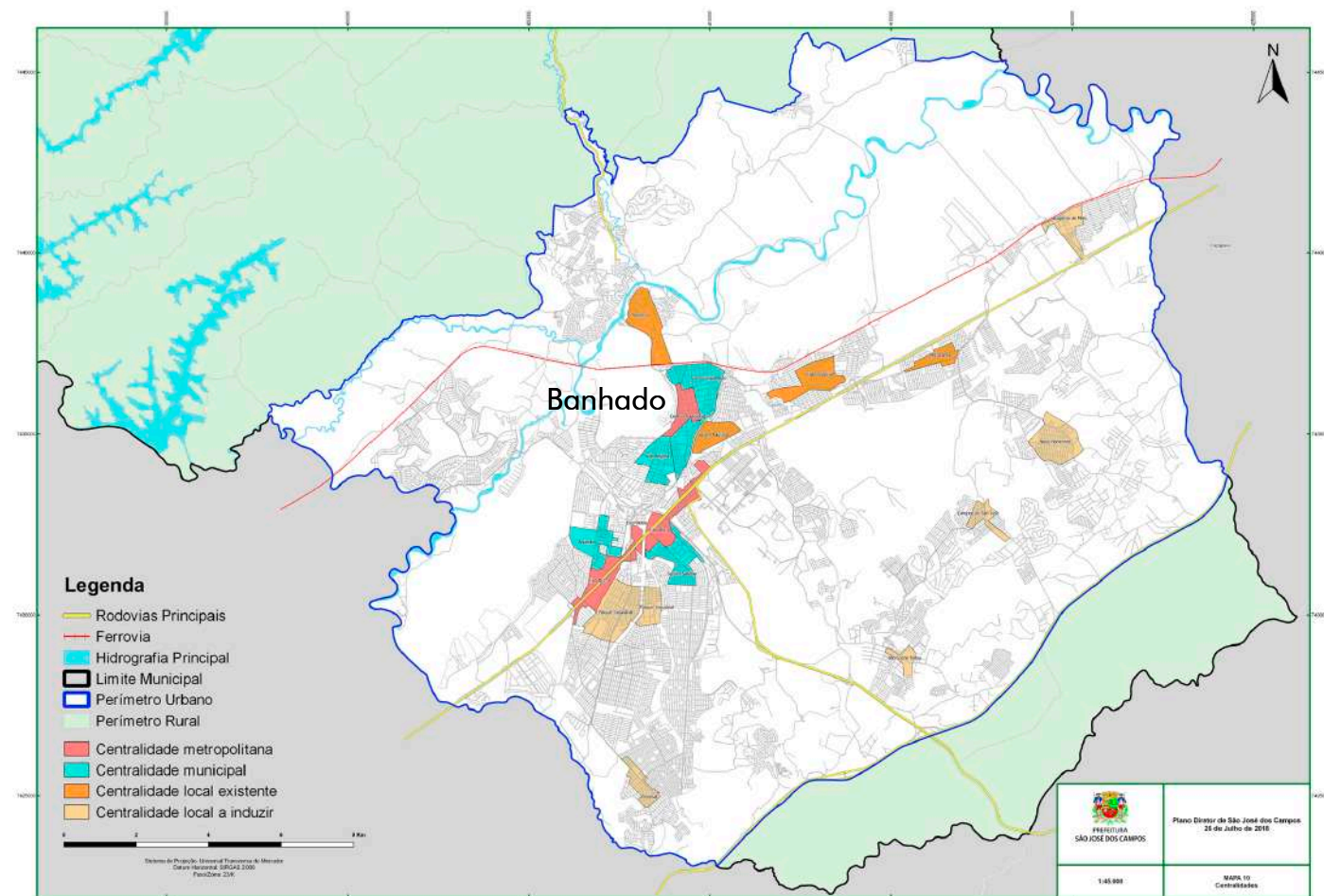
Passado o regime militar, a indústria joseense continuou a crescer em função das necessidades dos ramos aeronáutico e automobilístico, além de empresas que utilizam tecnologia de ponta. Nesse panorama que segue até os dias atuais, pode-se dizer que o perfil do operariado

joseense exige uma mão de obra extremamente qualificada o que faz com que a cidade continue como pólo de atração de migrantes, tanto de dentro como de fora do país.

Por fim, pode-se notar mudanças urbanas fruto da industrialização. Para atender as demandas dos novos trabalhadores, a presença de shoppings, grandes supermercados, avenidas largas, concentração imobiliária marcam a paisagem da cidade. São José dos Campos perdeu o aspecto interiorano do Vale do Paraíba, transformou-se, e com isso, passou a apresentar questões similares a de cidades de grande porte, tanto positivas quanto negativas.

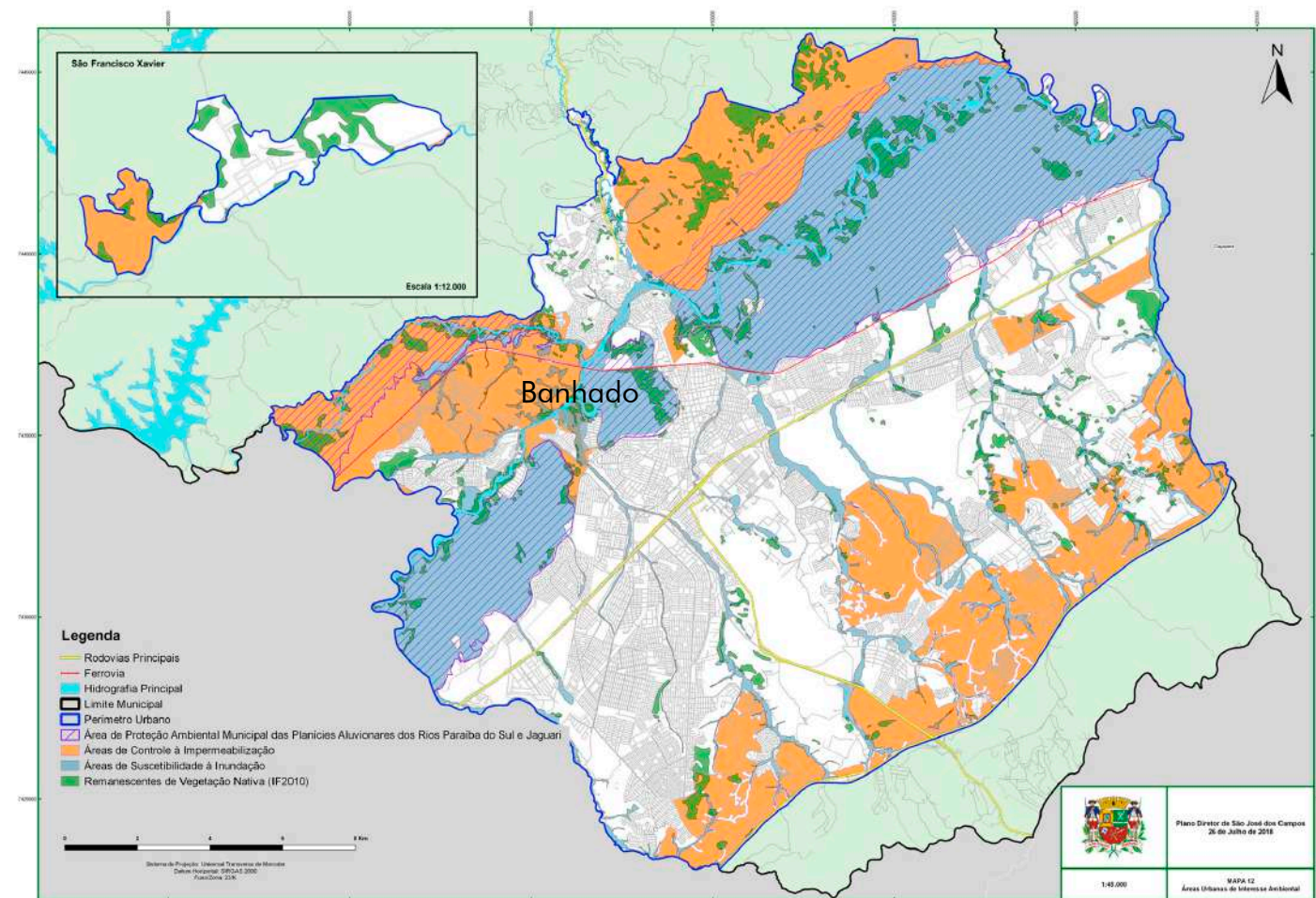


figura 12 . Aeroclube de São José dos Campos. Fonte: [http://www.aerosjc.com.br/site/aeroclube-de-sao-jose-dos-campos/ aeroclube-de-sao-jose-dos-campos](http://www.aerosjc.com.br/site/aeroclube-de-sao-jose-dos-campos/aeroclube-de-sao-jose-dos-campos)



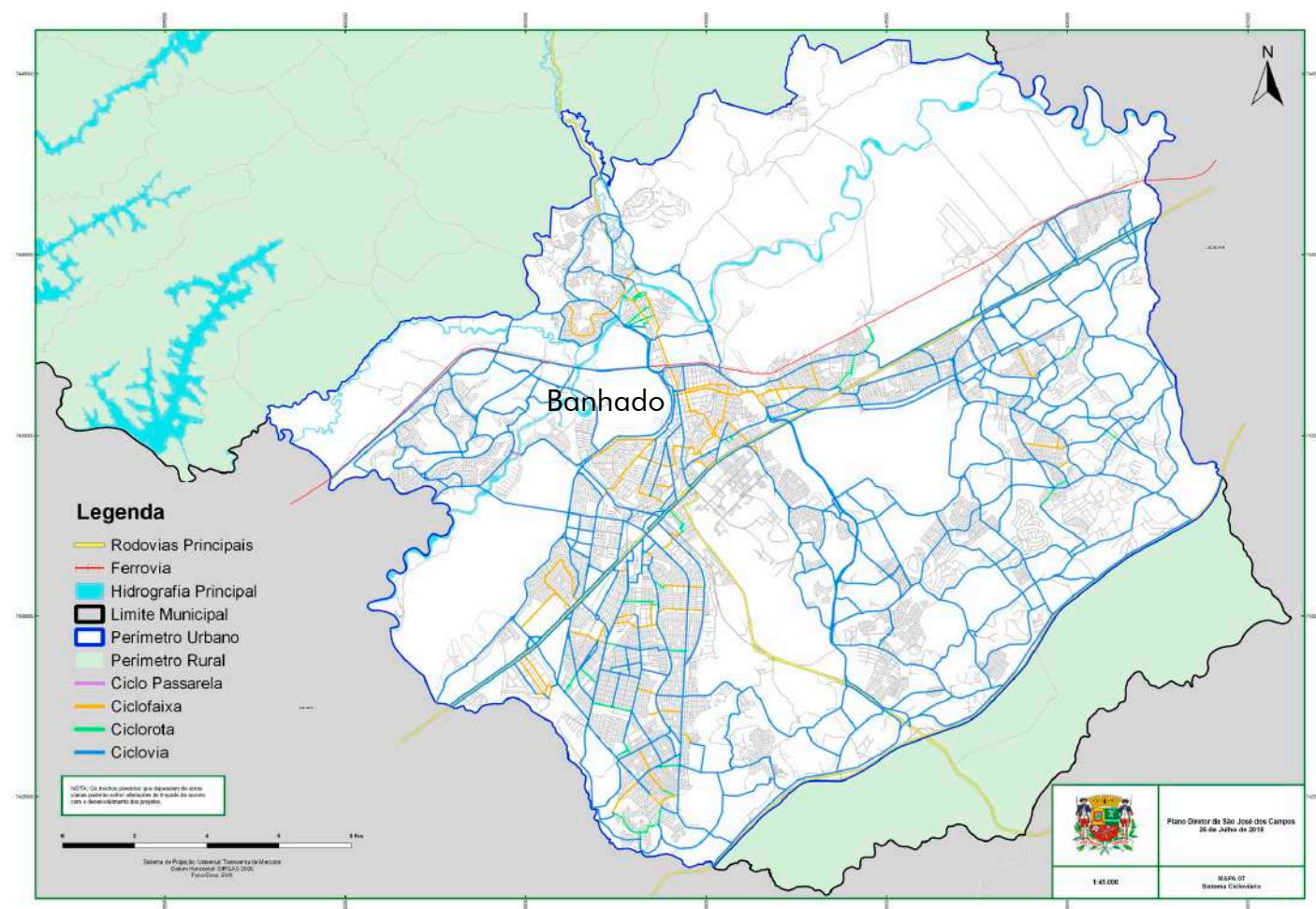
Fonte: Prefeitura Municipal de SJC, 2018

No mapa de Centralidades da região urbana de São José dos Campos percebe-se a centralidade metropolitana ao longo da Rodovia Presidente Dutra, devido às indústrias e o Centro tradicional, ainda de expressiva importância devido seu passado histórico. Interessante destacar como grande parte da orla do Banhado se caracteriza como centralidade, seja em âmbito local, municipal ou metropolitano.



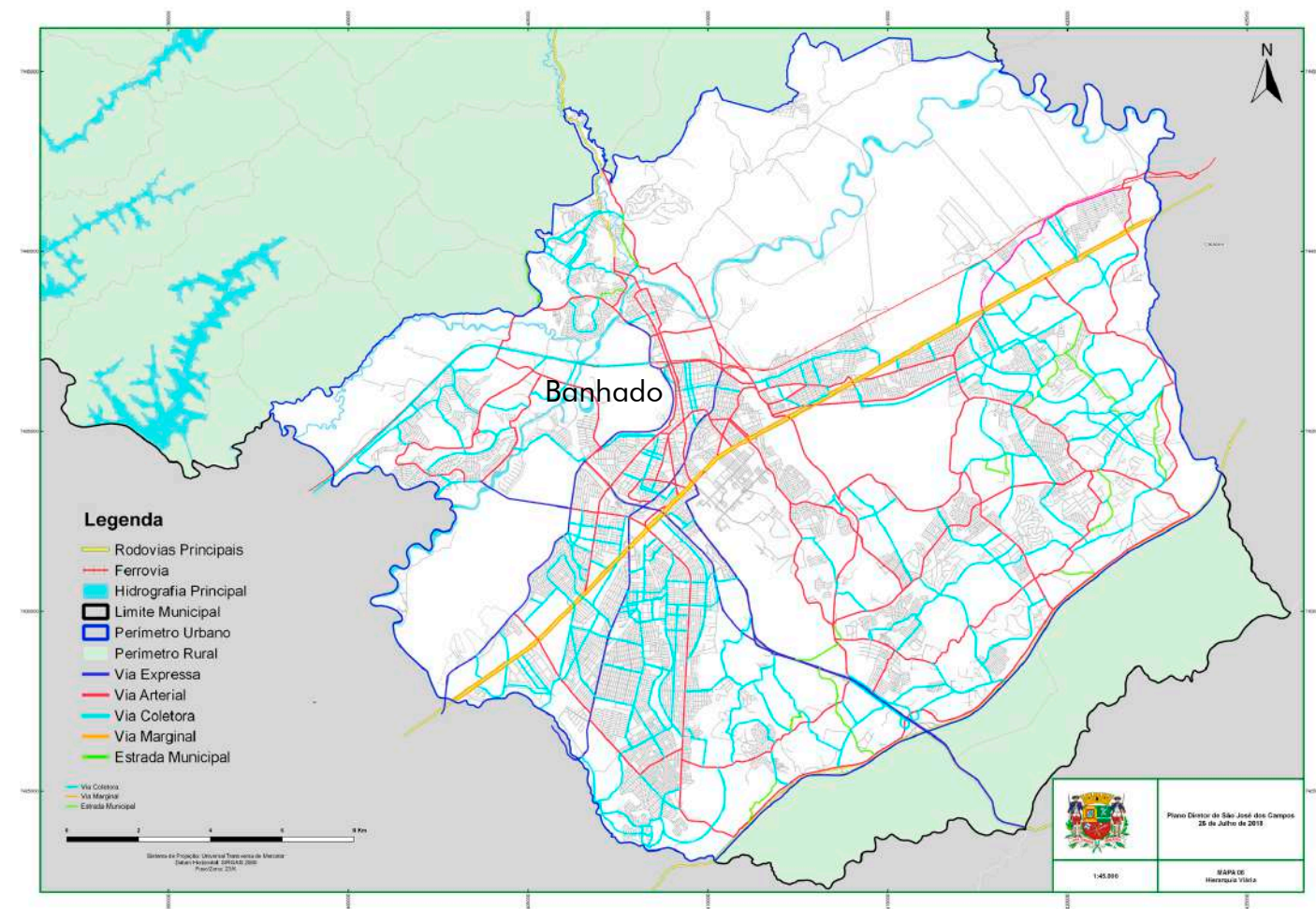
Fonte: Prefeitura Municipal de SJC, 2018

Ao fazer a leitura da cartografia de áreas urbanas de interesse ambiental, fica evidente a movimentação de controlar a impermeabilização de áreas próximas aos leitos e de reminiscência de vegetação nativa, a fim de evitar prováveis futuros problemas com alagamentos, além da medida de proteção ambiental. Também é evidente a grande área susceptível a inundação ao longo do Rio Paraíba.



Fonte: Prefeitura Municipal de SJC, 2018

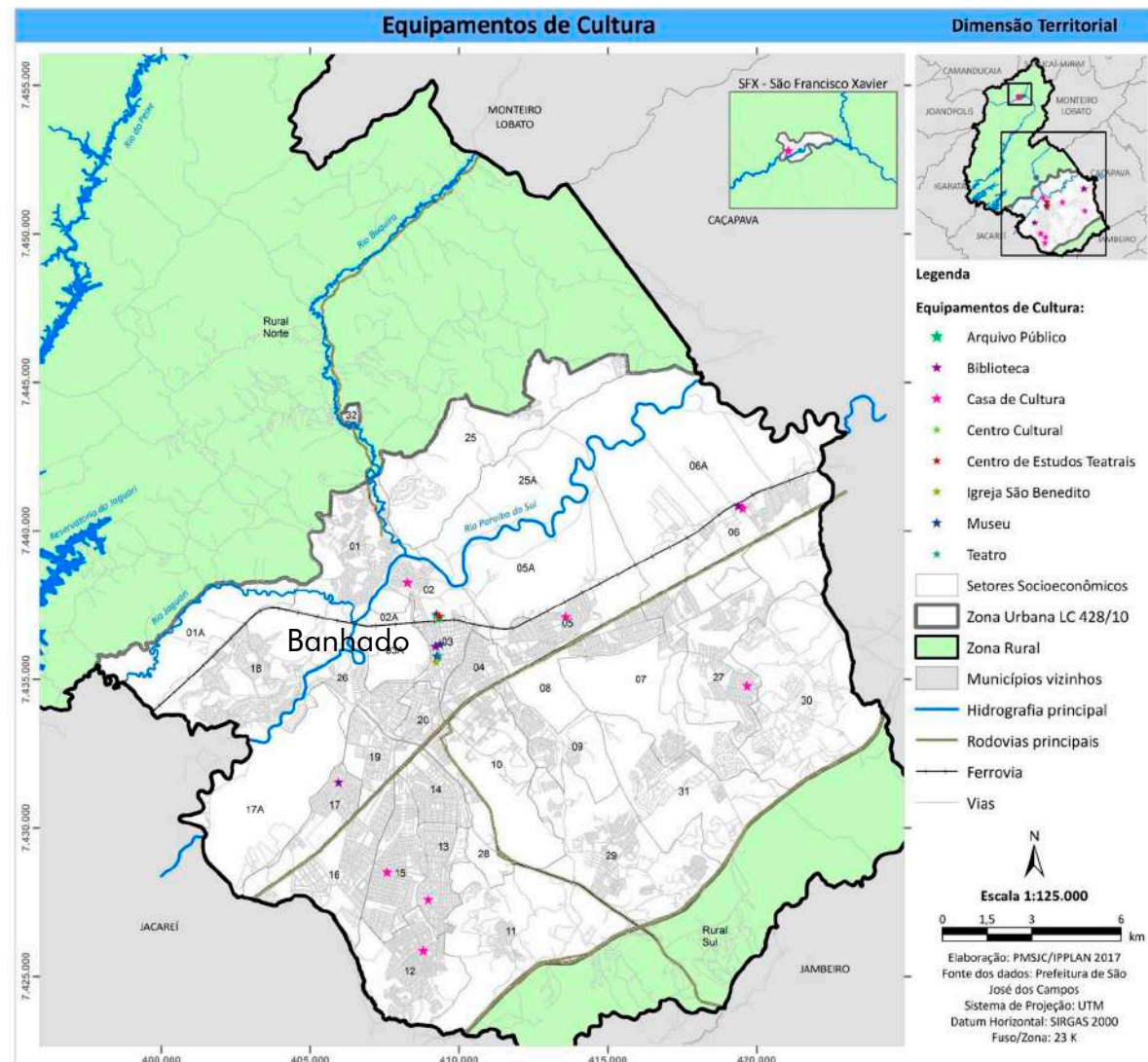
Apesar de apresentar relevo bastante acentuado em muitas partes da cidade, o uso deste meio de transporte é assegurado através de uma malha bastante desenvolvida pela cidade, principalmente por ciclovias, que proporcionam maior segurança e facilidade de deslocamento para o ciclista.



Fonte: Prefeitura Municipal de SJC, 2018

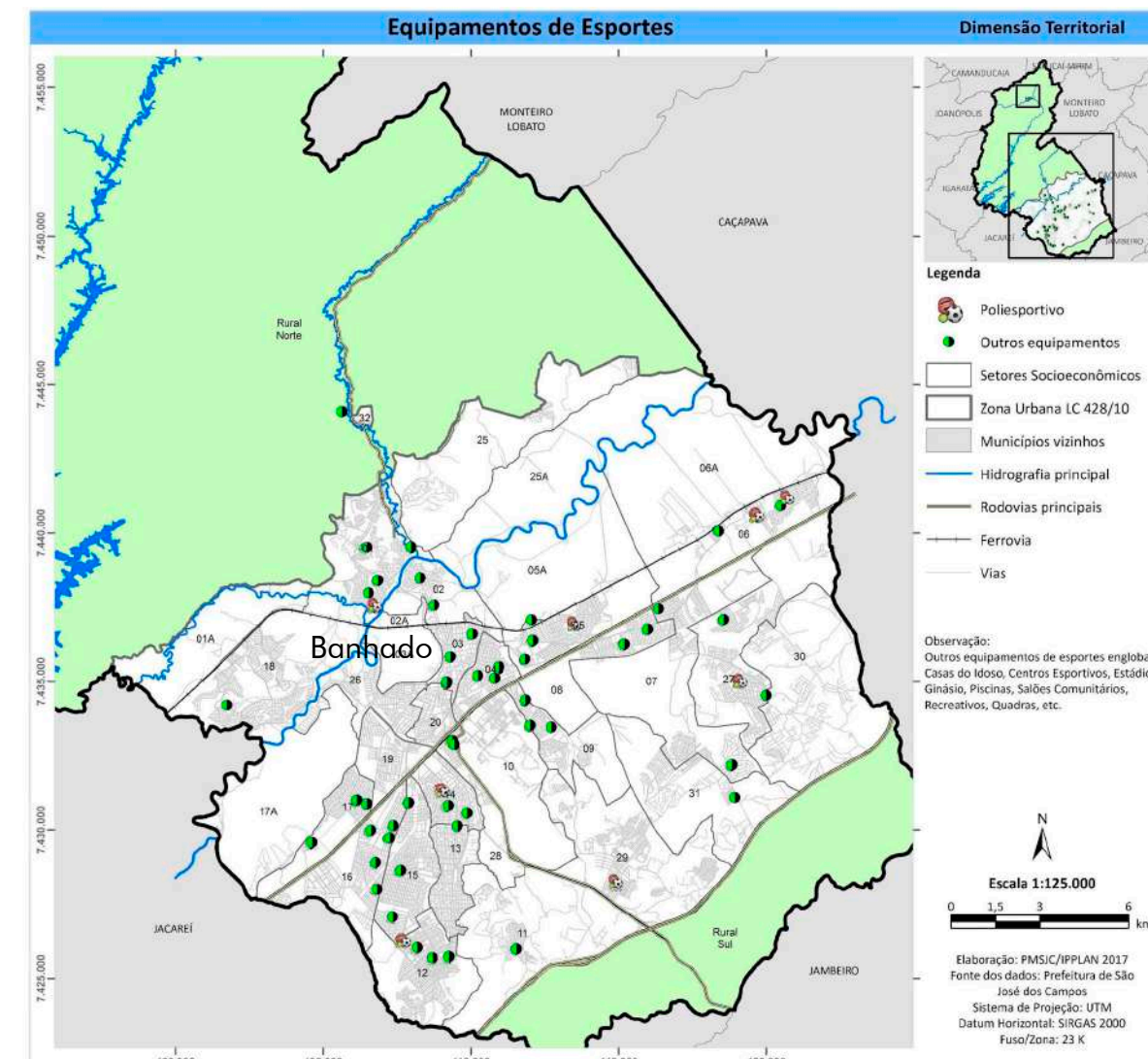
A hierarquia viária de São José dos Campos se desenvolve de forma significativa, atendendo todas as regiões da cidade, apesar de algumas ainda não estarem conectadas por vias expressas. Novamente é interessante pontuar a orla do Banhado como conexão da região norte, oeste e sul, uma vez que o terminal central está localizado nesta via expressa.

## EQUIPAMENTOS DE CULTURA

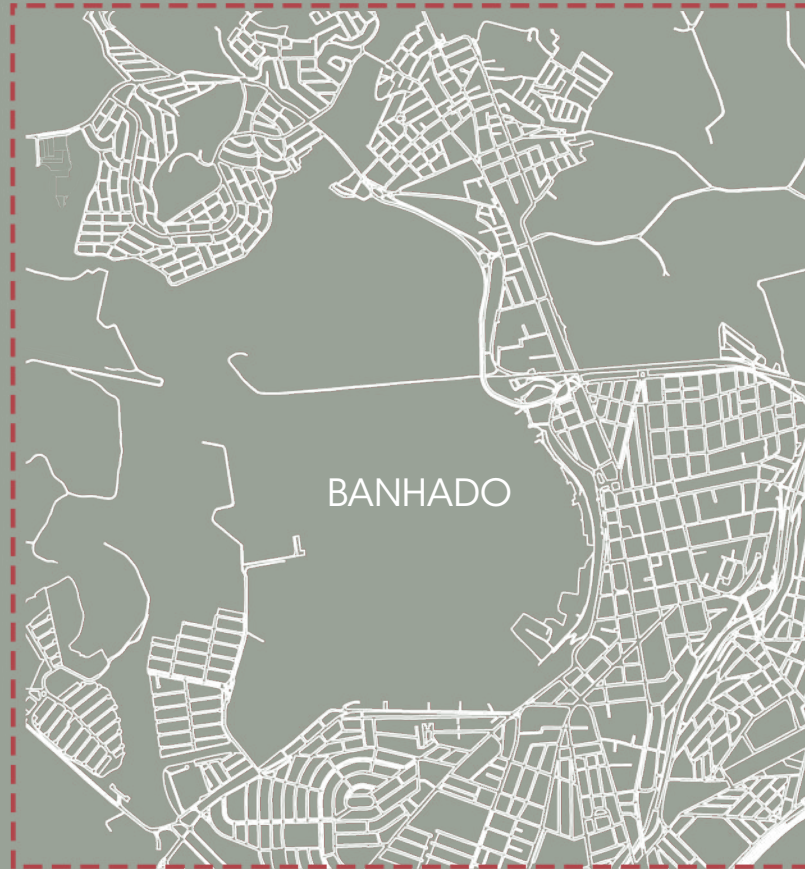
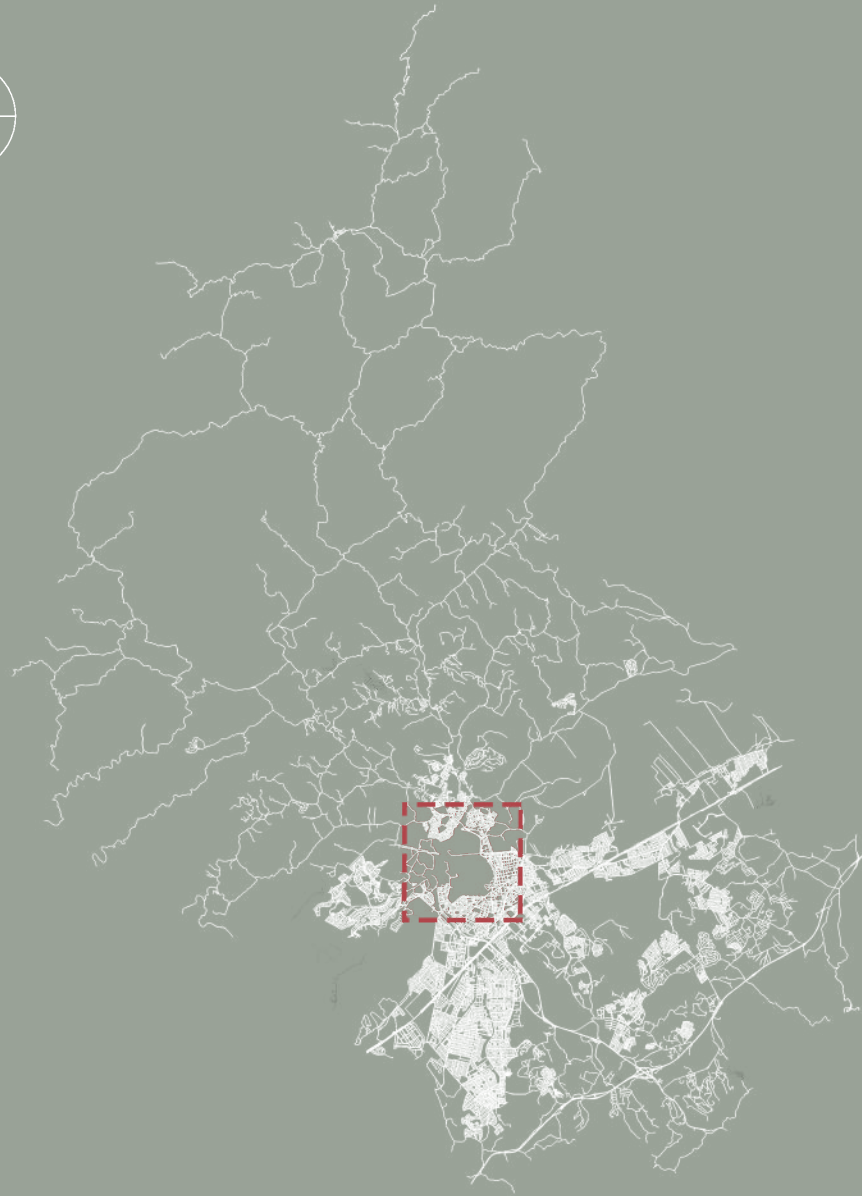


Os equipamentos de cultura incluem Casa de Cultura, Arquivo Público, Bibliotecas, Centros Culturais, Centro de Estudos Teatrais, Museu e Teatro> importante destacar que os equipamentos de cultura privados não estão destacados, mas concentram-se nas regiões Centro, Oeste e Sul.

# EQUIPAMENTOS DE ESPORTE



Na cartografia a cima então em destaque centro poliesportivos, mas também outros equipamentos, de responsabilidade da Secretaria de Esporte e Lazer, sendo eles: Casa do Idoso, Centros Esportivos, Estádios, Ginásios, Piscinas, Salões Comunitários, Centro Recreativos e Quadras.



## 2.2 O BANHADO

## Geomorfologia e histórico

Caracterizado por uma singularidade geográfica, o Banhado é uma área que integra o sistema de várzeas do rio Paraíba do Sul e foi caracterizada por Aziz Ab'Saber como um anfiteatro meândrico, que se abre após um declive abrupto, com desnível de até 30 metros de altura, em formato semicircular, e se alonga por uma extensa planície até o leito.

Possui uma importante função ambiental, uma vez que abriga reserva da biodiversidade e vida silvestre, principalmente da Mata Atlântica, apresenta pontos de aquífero e propicia condicionamento climático, além da importante função na paisagem urbana, por compor a região central da cidade com uma extensa área verde em que é possível visualizar a serra da Mantiqueira no horizonte, graças a essas características geomorfológicas e topográficas. Historicamente, a área já foi transformada em APA (Área de Proteção Ambiental) em 1984, em APA Estadual em 2002 e, recentemente, em 2011, se transformou em Parque Natural Municipal do Banhado. Assim, passou a se enquadrar nos critérios de implantação e gestão definidos pelo Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC).

A especificidade da topografia desta região da cidade proporcionou uma singular orla em torno da grande planície. Sua consolidação data do período das grandes reformas urbanas de infraestrutura na cidade, por volta da década de 40, com a desapropriação dos imóveis do lado par (voltado para o Banhado) da rua São José, visando a construção de uma avenida que faria todo seu entorno. Assim, deu-se a construção da Av. Madre Teresa, extensão da Rua São José, seguida da Rua Luís Jacinto e Rua Borba Gato, proporcionando a conexão do



figura 13 . Relação cidade e Banhado. Fonte: [www.sjc.sp.gov.br](http://www.sjc.sp.gov.br)

centro da cidade com as regiões Oeste e Sudoeste.

Com o passar dos anos, o Banhado passou a ser palco de confrontos entre os interesses públicos e privados associados principalmente à especulação imobiliária. Interessante ressaltar que, desde a década de 40, está instalada na região uma comunidade de cerca de 460 família, que vivem principalmente da agricultura familiar e procuram melhores oportunidades com a proximidade do centro urbano. Este núcleo tem sido constantemente alvo de tentativas de remoções por parte da prefeitura, com a justificativa da implantação de uma via de conexão mais direta com a região Oeste e conservação do Parque Natural Municipal do Banhado.

Apesar deste caso, outras construções foram realizadas ao longo da orla, gerando grande barreiras visuais e rompendo com uma possível conexão com a área natural, de forma coletiva e pública. A colagem a seguir ilustra a vista do passante ao longo da orla e os recortes visuais que se sucedem.

A construção da orla do Banhado foi apenas uma das vias que passou por reformas na primeira metade do século passado. Diversas ruas tiveram seu traçado retificado, seguindo a lógica de um traçado com continuidade espacial, de quadras regulares e vias amplas e ortogonais, arborizadas e arejadas. Além disso, é na Zona Sanatorial que começam a ser implantados os conceitos de cidade-jardim, de Ebenezer Howard, composto por desenhos de rua mais orgânicos e áreas verdes com planejamento paisagístico. Com a cartografia ao lado, percebe-se a diferença de traçado e manchas de vegetação da região central, mais comercial e de serviço, com a Zona Sanatorial, atualmente, mais residencial.

- Parques e praças
- Áreas verdes
- Zona Sanatorial
- Região Central
- Vias principais
- Área de projeto





figura 14 . Núcleos do Banhado. Fonte: [www.sjc.sp.gov.br](http://www.sjc.sp.gov.br)

## Comunidade Jardim Nova Esperança

A ocupação no Banhado teve início na década de 30 em um momento de desestruturação do setor agrário e crescimento da industrialização em São José dos Campos, fatores estes que contribuíram para um movimento migratório de trabalhadores do campo do sul de Minas Gerais e de algumas regiões do Vale do Paraíba para a cidade, na procura de melhores oportunidades de emprego.

A comunidade é composta por dois núcleos: o Núcleo I, ocupado entre as décadas de 50 e 80 por trabalhadores rurais atraídos pela maior oferta de trabalho nas indústrias, caracteriza-se também pela maior densidade habitacional. O Núcleo II caracteriza-se por uma ocupação mais antiga, década de 30, e por uma ocupação mais espalhada, composta por chácaras de pequenos agricultores familiares.

Tal ocupação consolidou-se desde então frente à falta de oportunidade de terra barata no centro da cidade, além da proximidade com mais oportunidade de serviço, comércio, instituições públicas e infraestruturas, fatores estes que promovem menores gastos com deslocamento.

O vínculo da comunidade com a localização também se apresenta na produção agrícola, em que pelo menos 30% dos habitantes trabalham na própria comunidade, promovendo sua fonte de renda, e cerca de 40% das famílias retira o alimento diário dessa produção, reforçando a relação terra-trabalho na segurança alimentar da comunidade.

Apesar da proximidade com a centralidade municipal e o tecido urbano adensado dos bairros que contornam a orla do Banhado,

existem dois fatores que intensificam a segregação desta comunidade: a separação física, uma vez que existe um desnível de cerca de 30 metros por conta da falésia existente; e a separação física, uma vez que existe um desnível de cerca de 30 metros por conta da falésia existente; e a separação simbólica, devido a ausência de políticas públicas inclusivas e incorporação à ocupação urbana regular.

Além da falta de saneamento básico e rede elétrica, as próprias vias de acesso à região são escassas e improvisadas, tanto de pedestres quando de veículos. Os habitantes percorrem caminhos de terra batida entre a vegetação, onde não há qualquer existência de cuidados com acessibilidade conexão efetiva com o traçado urbano existente.

Apesar de a orla do Banhado ter sido recentemente reformada, com alargamento da via de pedestre, pontos de mirante, pontos comerciais, ciclovia, além de jardineiras e mobiliário ao longo de todo o percurso, não houve qualquer preocupação em estabelecer e projetar a conexão com a comunidade. Nas imagens da colagem, podemos perceber diversos caminhos utilizados pelos moradores, principalmente perto de pontos de ônibus e do terminal central.



figura 15



figura 16



figura 17



figura 18



figura 19

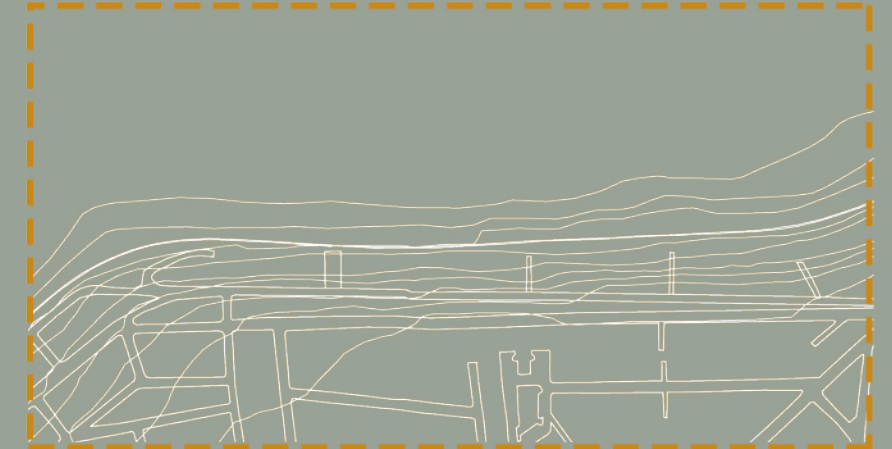
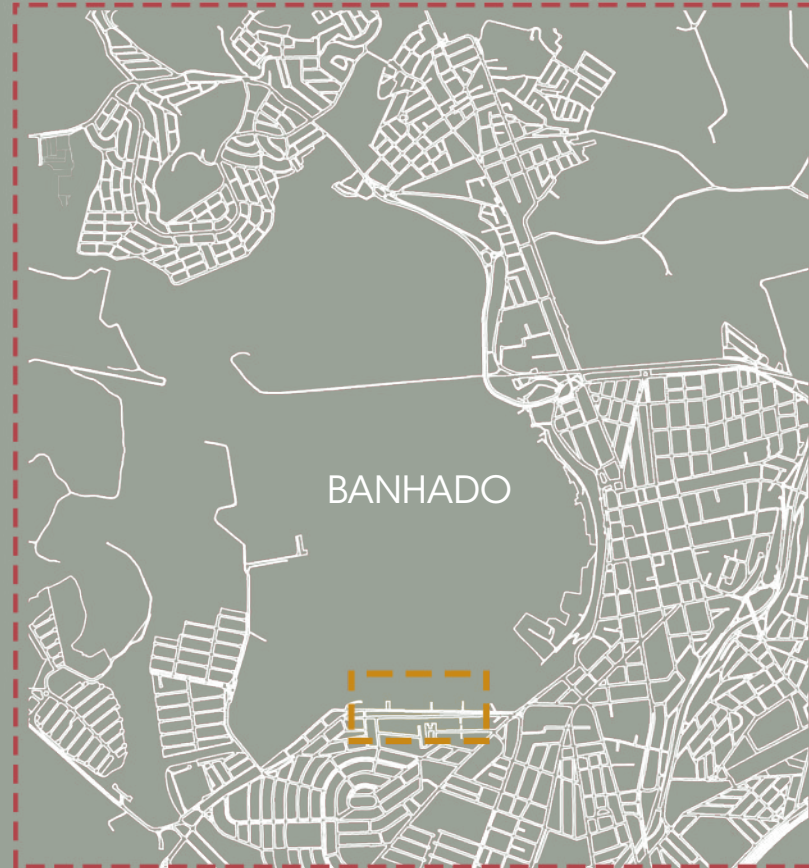
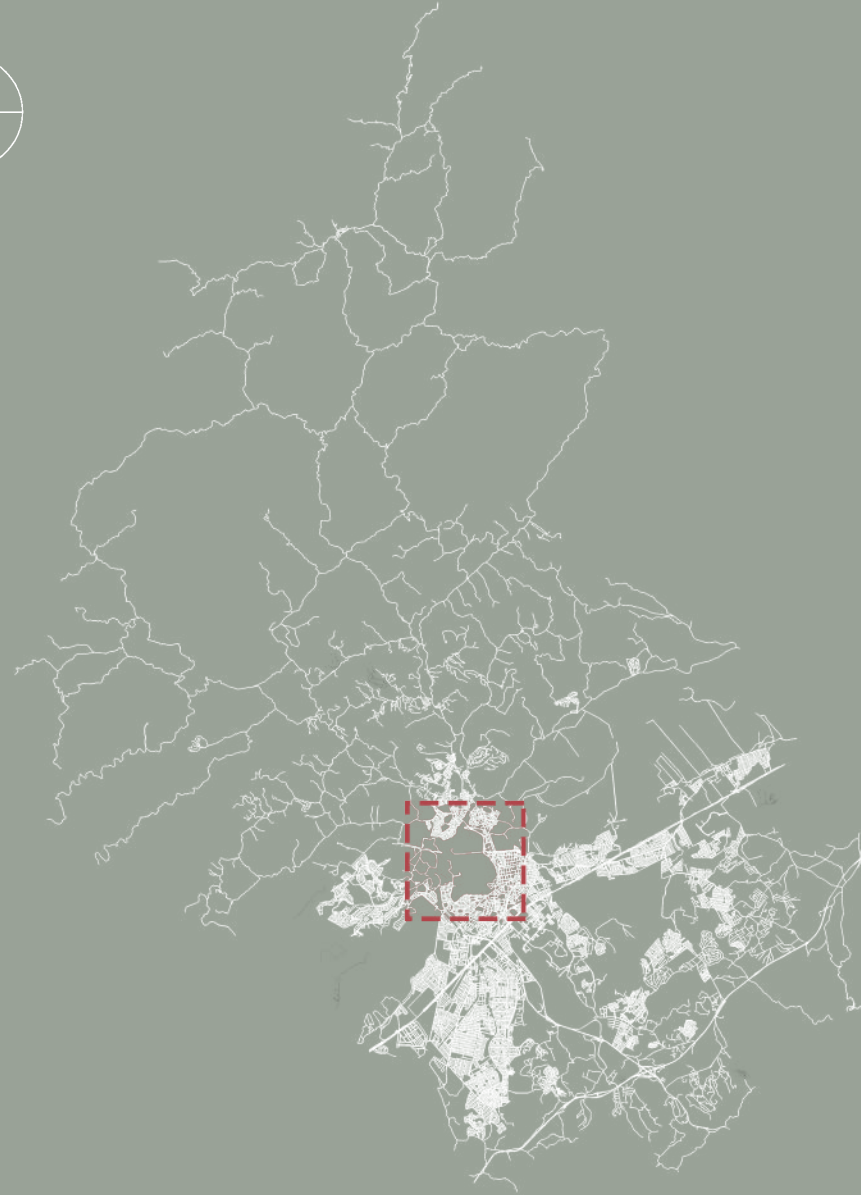


figura 20



figura 21

As imagens acima ilustram os diversos pontos de acesso de pedestre feitos pelos próprios moradores da comunidade, uma vez que não existe essa conexão formal urbano -rural, evidenciando e intensificando a exclusão das pessoas que ali residem.



## 2.3 ÁREA DE PROJETO

# Mapeamento fotográfico

A partir das fotografias da área de projeto, buscou-se caracterizar o contexto em que se encontra o mirante e entorno. Na imagem 1 é possível observar o desnível entre as duas vias e a barreira visual causada pelos muros de alvenaria; na imagem 2, as edificações com poucos pavimentos e majoritariamente de uso comercial; na imagem 3, a relação do mirante com a calçada; a imagem 4 ilustra a estética do mirante.



imagem 1



imagem 2



imagem 3

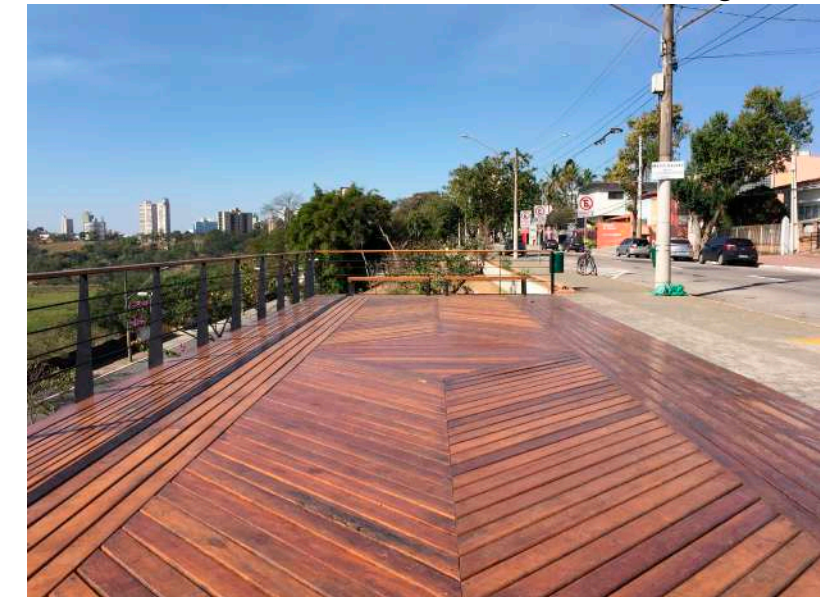


imagem 4

# Mapeamento fotográfico

Na imagem 5, ao fundo, pode-se observar a cidade e como esta, acompanha o formato semicircular do geografia; a imagem 6 demonstra a vista frontal que os observadores têm no mirante, onde se constata a extensão da planície do Banhado e, ao fundo, é possível ver a Serra da Mantiqueira; a imagem 7 caracteriza a estrutura e forma do mirante e o paisagismo do entorno; na imagem 8, mais uma vez, é possível observar a barreira que os muros proporcionam ao passantes, impossibilitando qualquer tipo de conexão física ou visual com a natureza; na imagem 9 observa-se, acima da altura do muro, a vista para oeste e, conseqüentemente, para o por do sol; e a imagem 10 retrata a situação do terreno e a vista para leste, com a cidade de plano de fundo.

imagem 5



imagem 6



imagem 7



imagem 8

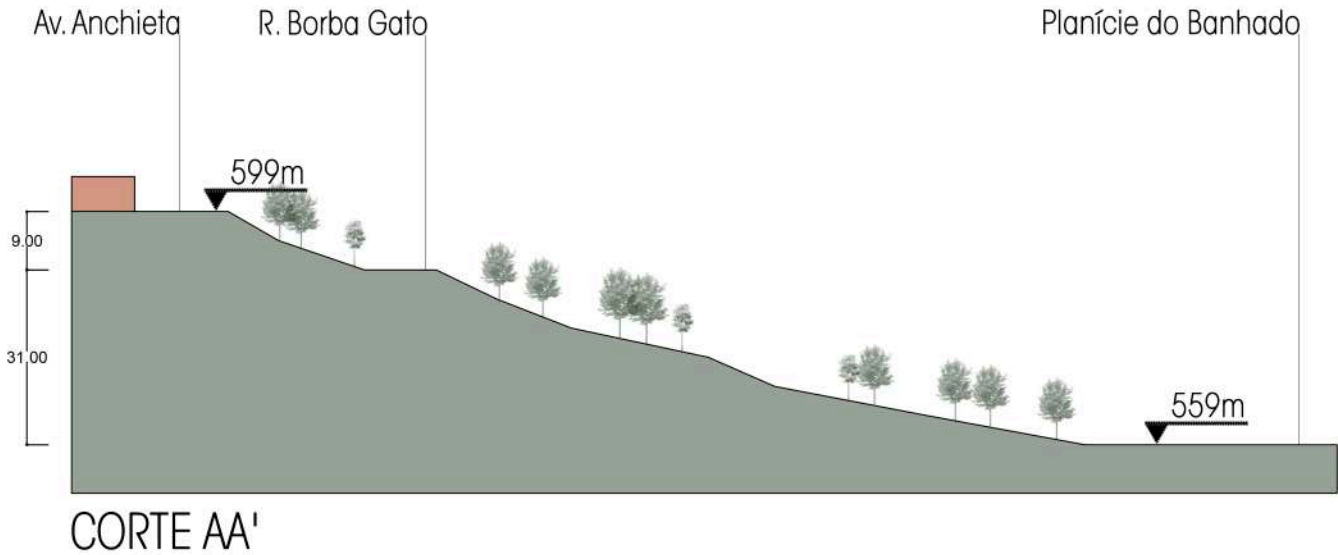
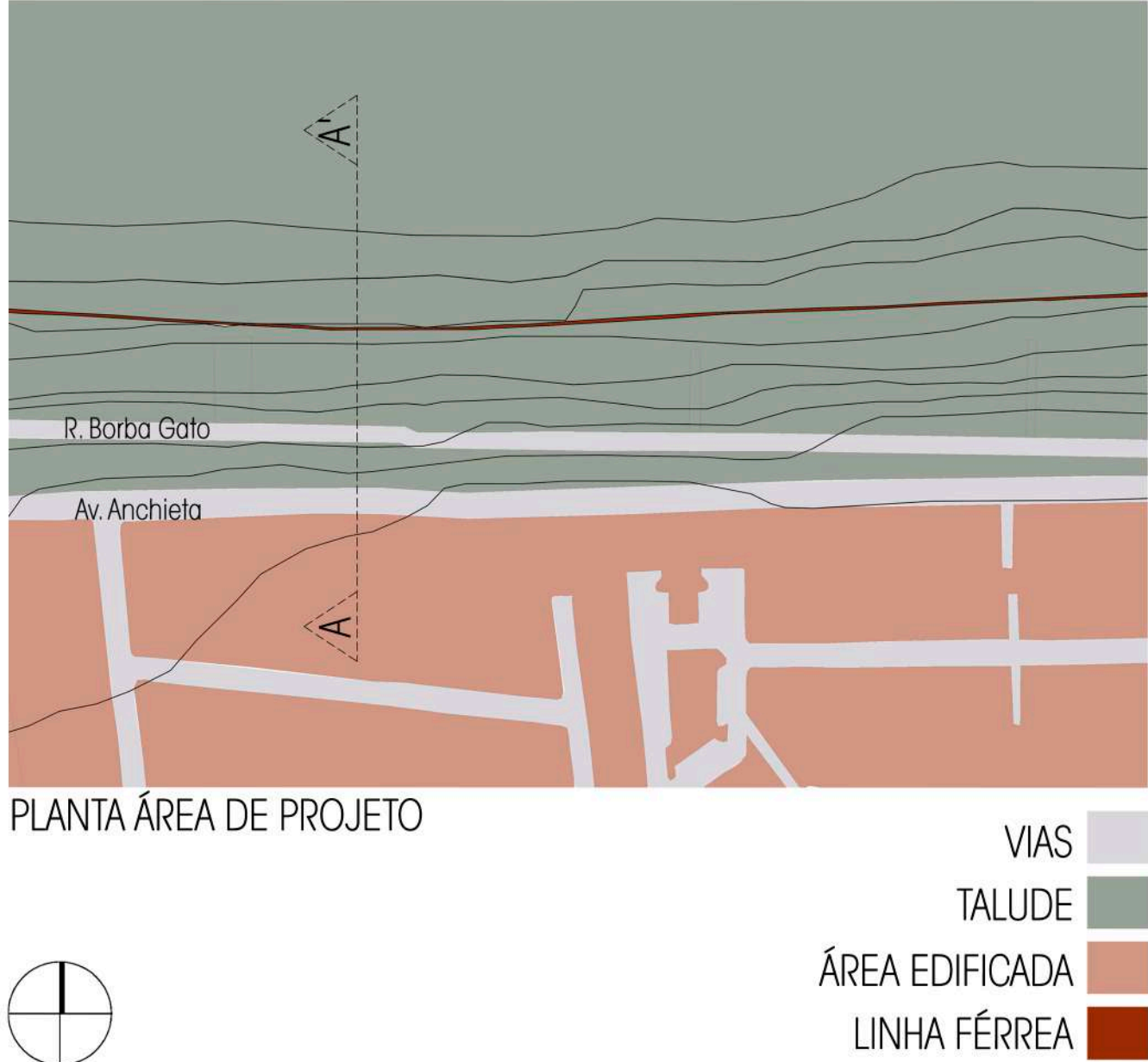


imagem 9



imagem 10





## 3. AÇÕES PROJETUAIS

## 3.1 REFERÊNCIAS

# ELEVADOR PÚBLICO E PASSARELA PEDONAL

Localização: Hernani, Espanha

Ano: 2015

Arquitetos: VAUMM

Romper com a diferença topográfica, promovendo maior acessibilidades e circulação entre a cidade velha e os novos desenvolvimentos da cidade nova, cada um em um nível, é a demanda que este projeto busca atender. Assim, a partir da circulação vertical e da passarela, que complementa essa conexão e proporciona uma generosa área de vista para a natureza, o projeto torna-se além de elemento de conexão, marco visual.



figura 22 . Desenho executivo - relação entre os níveis. Fonte: [www.archdaily.com.br](http://www.archdaily.com.br)



figura 23 . Fechamento do elevador e conexão com o edifício. Fonte: [www.archdaily.com.br](http://www.archdaily.com.br)



figura 24 . Conexão com a calçada, proporcionando sua extensão. Fonte: [www.japanvisitor.com](http://www.japanvisitor.com)

# EL PUENTE DE MOISÉS

Localização: Halsteren, Países Baixos

Ano: 2011

Arquitetos: RO&AD Architecten

Uma característica histórica, a construção de fossos e fortalezas no século XVII, transformando completamente a topografia, e a necessidade atual de promover uma conexão adequada para ciclistas e pedestres são os elementos que caracterizam o cenário deste projeto. Assim, de forma pontual e cirúrgica, a passagem é invisível aos olhos, uma vez que tanto o solo quanto a água estão no mesmo nível da ponte.

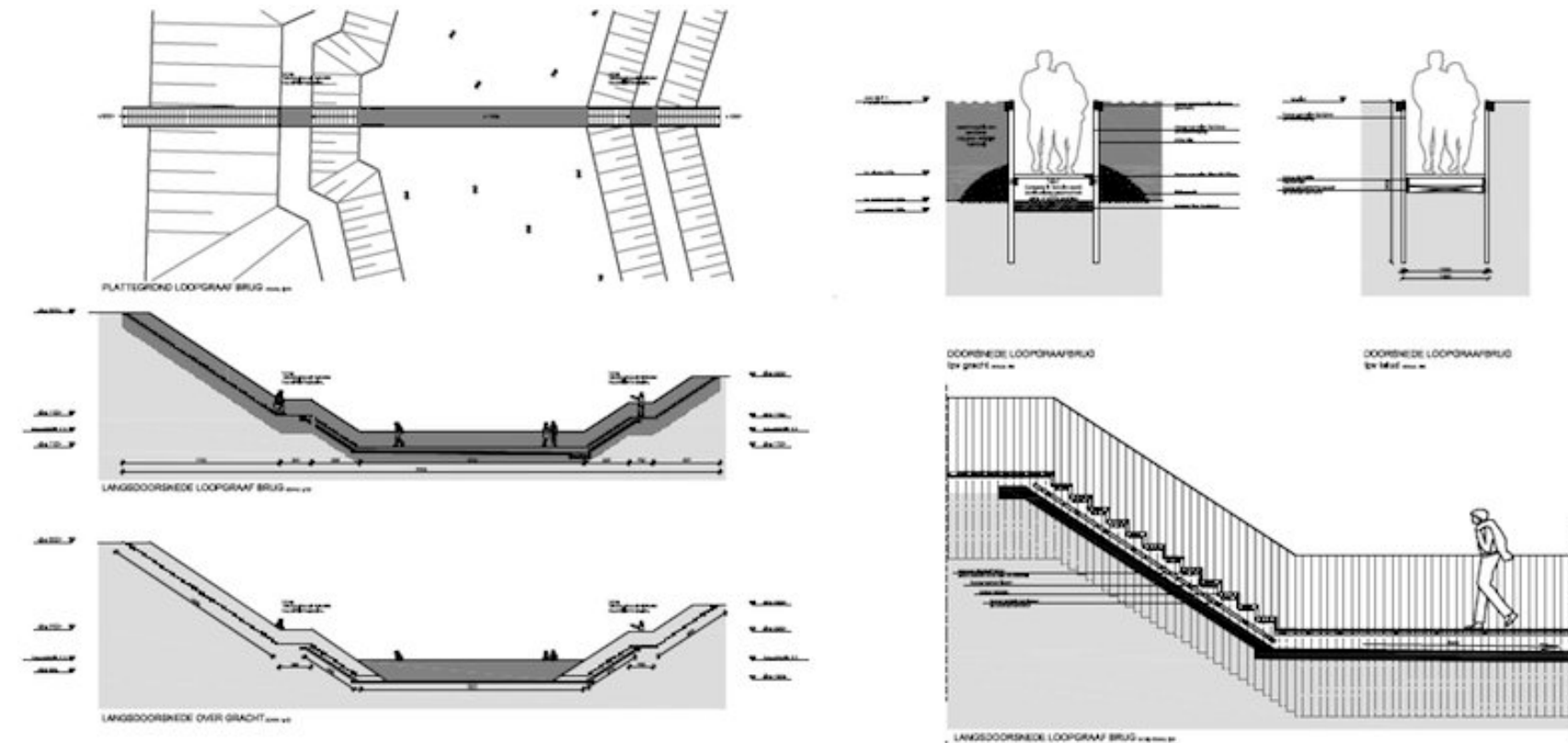


figura 26 . Conexão pontual atravessando o fosso. Fonte: [www.ecoinventos.com](http://www.ecoinventos.com)

figura 27 . Contenções laterais alinhadas a altura da água. Fonte: [www.archdaily.com.br](http://www.archdaily.com.br)

figura 25 . Representação estrutural e executiva do projeto. Fonte: [www.archdaily.com.br](http://www.archdaily.com.br)



# PISCINA DE MARÉS

Localização: Matosinho, Portugal

Ano: 1966

Arquitetos: Álvaro Siza Vieira

Convidado para projetar piscinas de águas salgadas na orla de Leça da Palmeira, o arquiteto toma partido das depressões naturais para implantar os tanques de água e demais volumes que completam o programa. Essa ação projetual proporciona a integração à paisagem, ora escondendo e ora enquadrando os volumes, mas demarcando deixando clara a intervenção humana sobre o sítio natural.



figura 29 . Percursos que percorrem o terreno e proporcionam momentos de surpresa. Fonte: [www.archdaily.com.br](http://www.archdaily.com.br)

figura 30 . Enquadramento dos caminhos. Fonte: [www.archdaily.com.br](http://www.archdaily.com.br)

figura 28 . Projeto se mescla ao entorno, integrando-se à paisagem. Fonte: [www.archdaily.com.br](http://www.archdaily.com.br)



# RECINTO FERIAI DE CUENCA

Localização: Cuenca, Espanha

Ano: 2010

Arquitetos: Moneo Brock Studio

O pavilhão é o ponto chave da proposta paisagística. Atua como um filtro entre o parque e a cidade, mesclando o urbano à paisagem natural, além de ser também um cenário para atividades. Sua localização proporciona uma valorização da fachada, em que o observador visualiza a totalidade do edifício. O resultado da estrutura modulada lembra um fragmento mineral, quando vista por fora e uma floresta, quando vista de dentro.

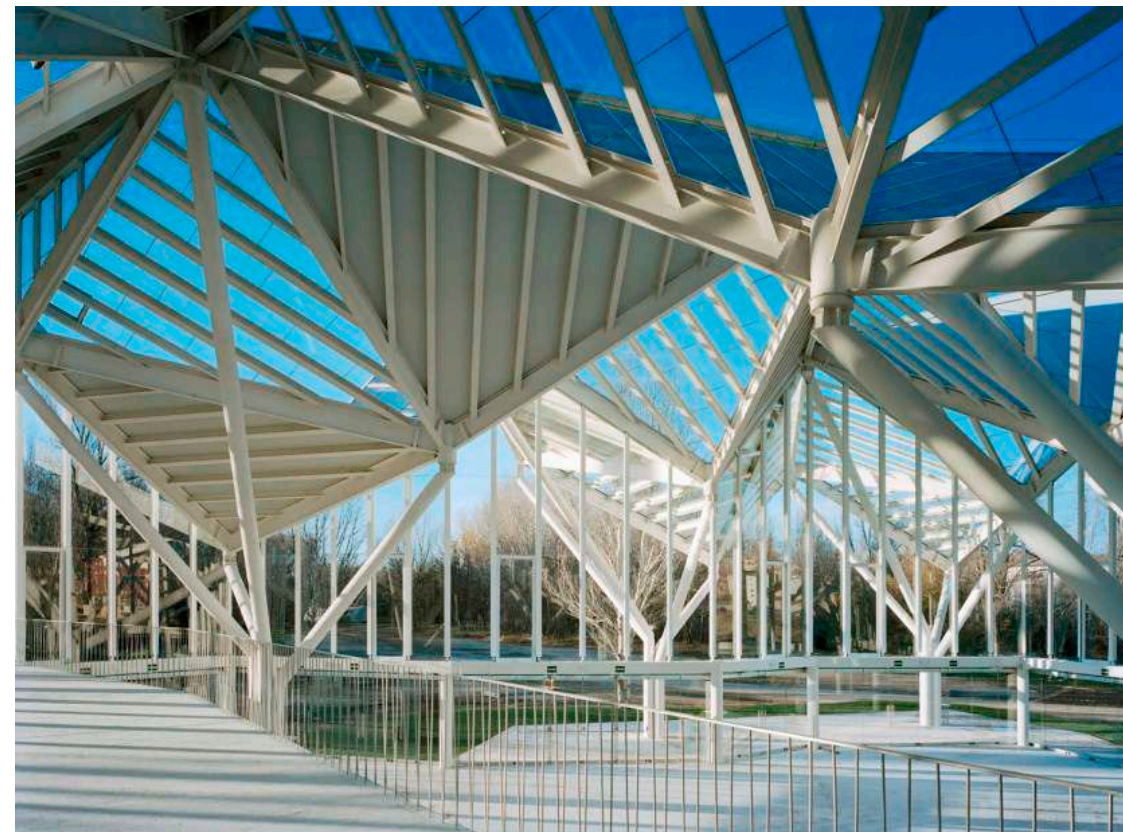
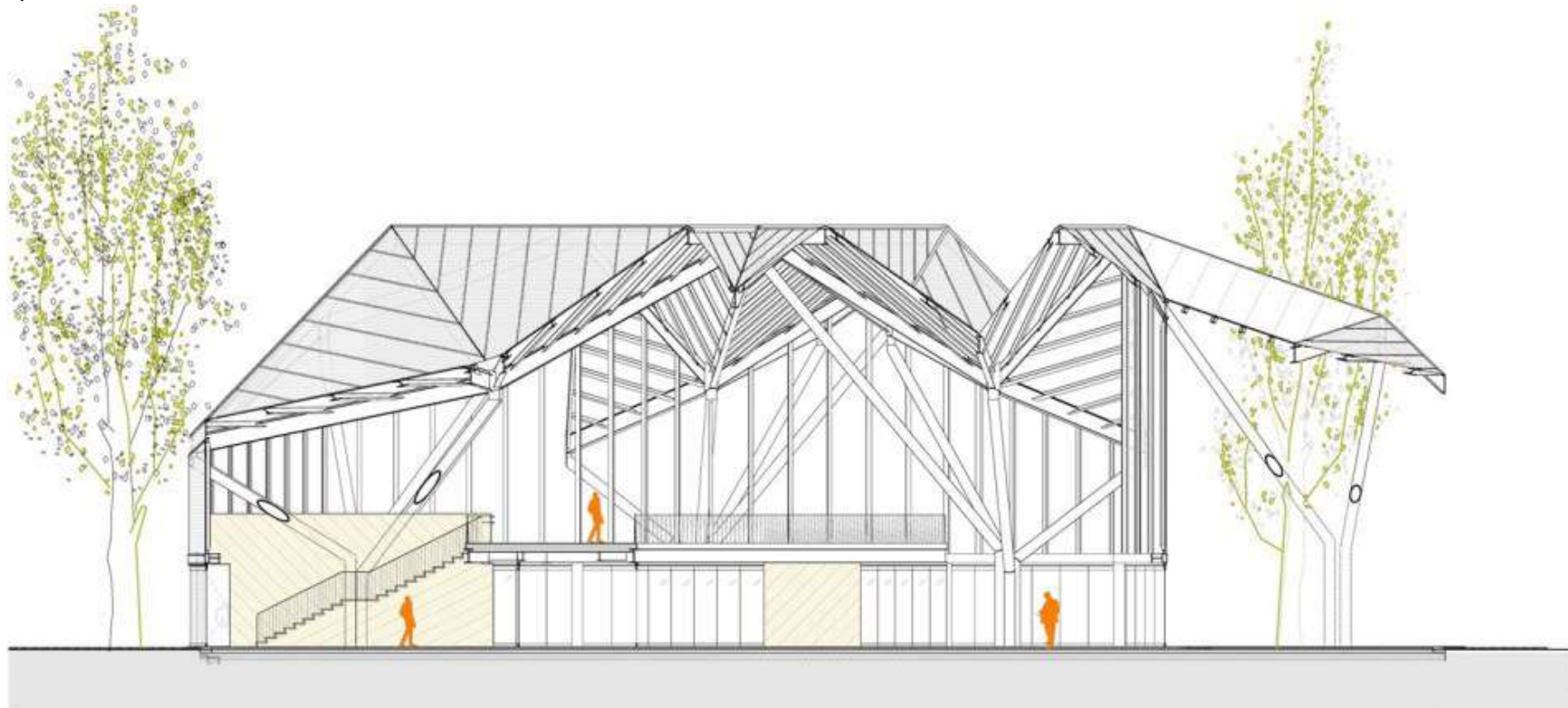


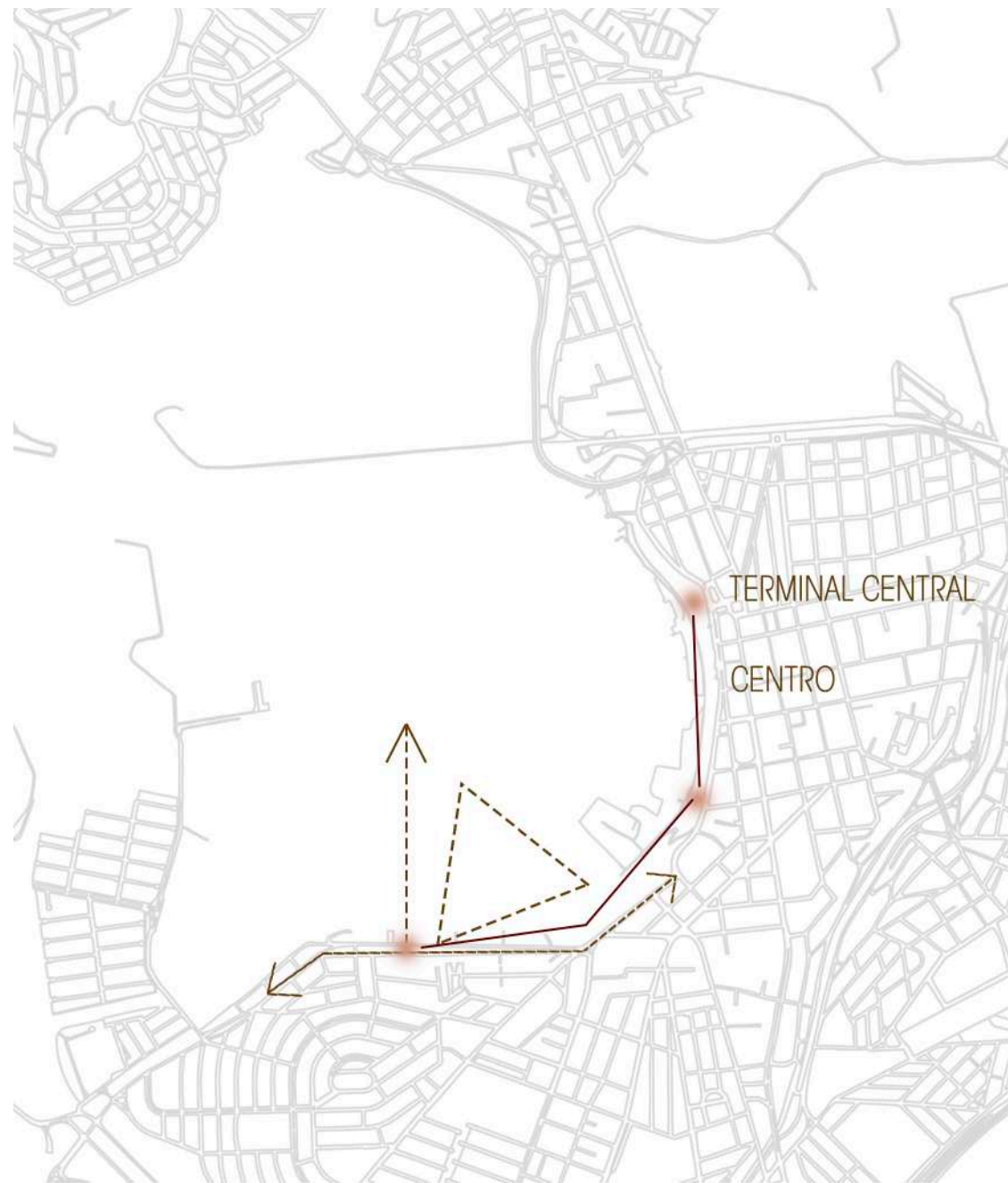
figura 32 . Cobertura com diferentes inclinações. Fonte: [www.arquitour.com](http://www.arquitour.com)

figura 31 . Corte esquemático da estrutura. Fonte: [www.arquitour.com](http://www.arquitour.com)



figura 33 . Pilar em estrutura metálica. Fonte: [www.arquitour.com](http://www.arquitour.com)

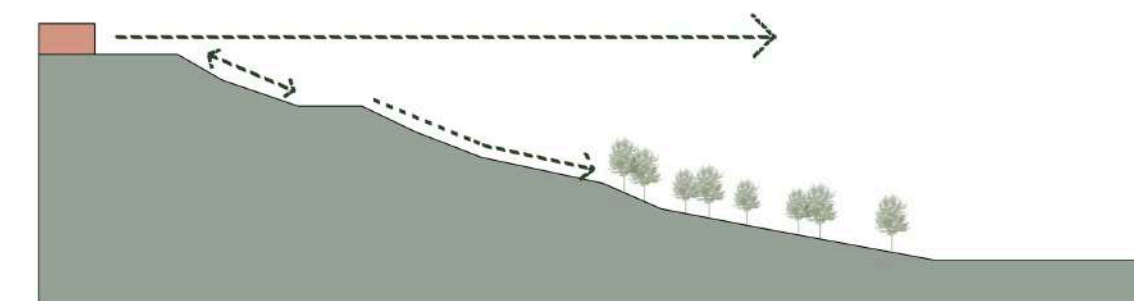
## 3.2 DIRETRIZES PROJETUAIS



As diretrizes de intervenção, baseadas nas questões e inquietações que movimentam esse trabalho, pautam-se na valorização dos espaços públicos, democráticos, de bem estar social e palco das interações humanas e dela com a natureza. Assim, é crucial entender as demandas e características que um espaço, mesmo que de forma silenciosa, apresenta e expô-las de forma a promover uma identificação da população com o espaço.

O recorte da área de projeto, contextualizado no capítulo anterior, tem como particularidade a proximidade, mas ao menos tempo impedimento de conexão com o Banhado. Pode-se dizer que o declive acentuado cria uma série de dualidades na relação homem – natureza, como por exemplo, ao passo que a topografia proporciona uma paisagem ininterrupta de vegetação, ela impossibilita o estar físico na área verde.

Pautada nas dualidade existentes neste recorte, as diretrizes que conduzem o projeto estão relacionadas a conexão e apropriação do espaço. Assim, no diagrama ao lado, entende-se a necessidade de pontos que se unem formando um sistema de conexões, e também como o ponto se relaciona com a paisagem a partir do visual. No diagrama abaixo, as diretrizes estão focadas em um ponto específico, relacionando visual, entre ruas e urbano - natureza.



## 3.3 ESTUDOS PROJETUAIS

## Sistema de conexões

Os estudos projetuais têm início no entendimento da necessidade de ligação de vários pontos cruciais de contato com o Banhado. Assim, a proposta de criação de um sistema de conexões com o Banhado apresenta-se com a leitura das diferentes, mas confluentes, necessidades de conexões em certos pontos e relacionado às particularidades de entorno e terreno.

Após a sínteses do quadro teórico e analítico, do entendimento das diretrizes que norteiam o projeto e do estudo de propostas a partir delas, evidencia-se a importância de tal espaço abranger outras áreas de forma a criar um sistema de ocupações qualificadas de espaços públicos abertos.

Este sistema tem por base a adequação das propostas estudadas de acordo com a configuração necessária para atender as demandas e especificidades locais, mas compõe um sistema único, pautando-se nas diretrizes que o moldaram.

Assim, através de leituras cartográficas e visitas em campo, foram observados os pontos em que a conexão dos dois níveis (cidade/Banhado) é necessária, além de existir a relação homem/natureza e a conexão visual com a paisagem.

O primeiro desses pontos que se destaca como já existente e de extrema importância para a comunidade, além de ser necessária a qualificação e tornar visível à cidade é o ponto A no esquema a seguir, no qual, proximidade com o Terminal Central, a pré-existência de um caminho de pedestre para a comunidade Jardim Nova Esperança e

a característica de um talude mais alongado foram os pontos cruciais para a determinação desse ponto no sistema. Possui como características um terreno menos inclinado, com menos vegetação de porte alto.

Outro ponto que chama a atenção é o B, primeiro pela presença de fluxo constante, uma vez que se localiza próximo ao núcleo mais denso da comunidade, segundo pela pré-existência de caminhos e uso dos moradores e visto a necessidade de circulação entre os dois níveis, e também por localizar-se próximo a pontos de ônibus e também a praça Afonso Pena, uma das mais antigas da região e de comércio intenso em seu entorno. O estreitamento do talude e a intensa vegetação do entorno são características marcantes desse ponto, além da já citada presença de mais moradores neste lado da comunidade.

Por fim, a área de projeto, C, que será apresentada no próximo capítulo, possui características marcantes, tais como a pré-existência do mirante, as vias de sentidos opostos nos dois níveis, a interrupção física com a grande área verde, trará outras possibilidades de conexão.

Posterior a identificação dos pontos importantes e consequentemente pertencentes ao sistema, entendeu-se a necessidade de estudar formas de conexão. Utilizando o relevo do ponto C, estudou-se quatro possibilidades de travessia, pensando inclusive que algumas adequações por conta do terreno podem inclusive favorecer a dinâmica proposta pelas conexões.

figura 34 . Sistema de conexão.  
Fonte: produção própria

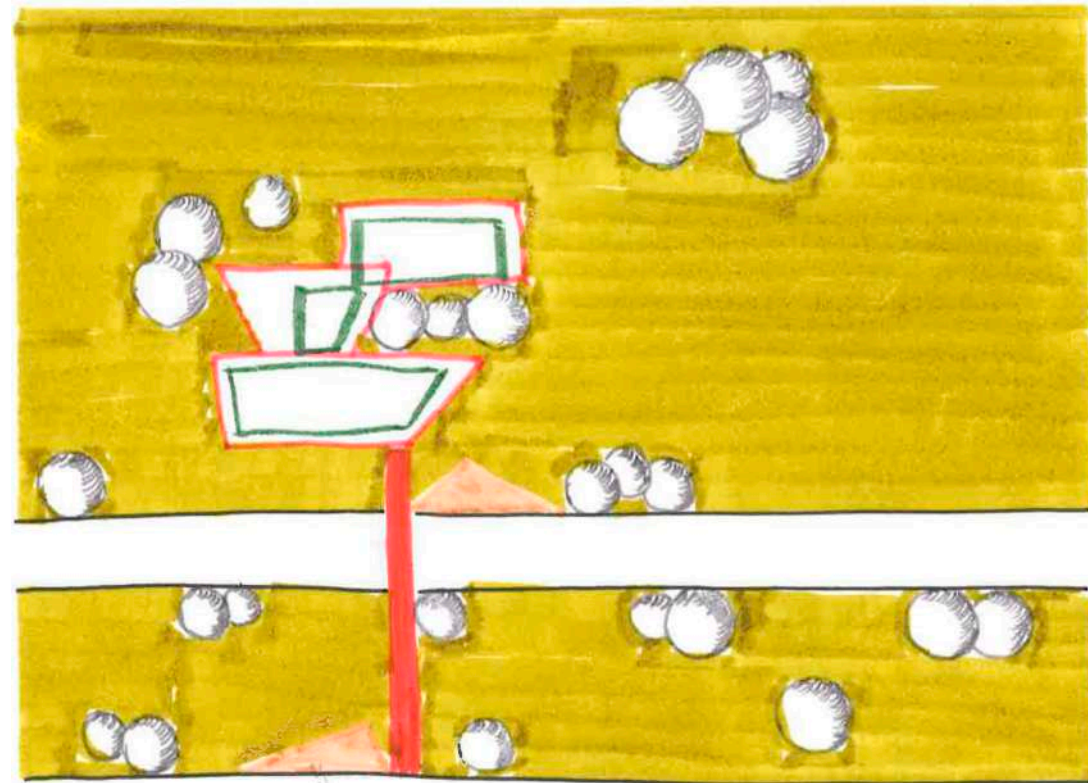
A . Conexão com Núcleo II

B . Conexão com Núcleo I

C . Área de projeto

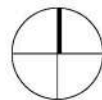


# ESTUDOS\_proposta 1

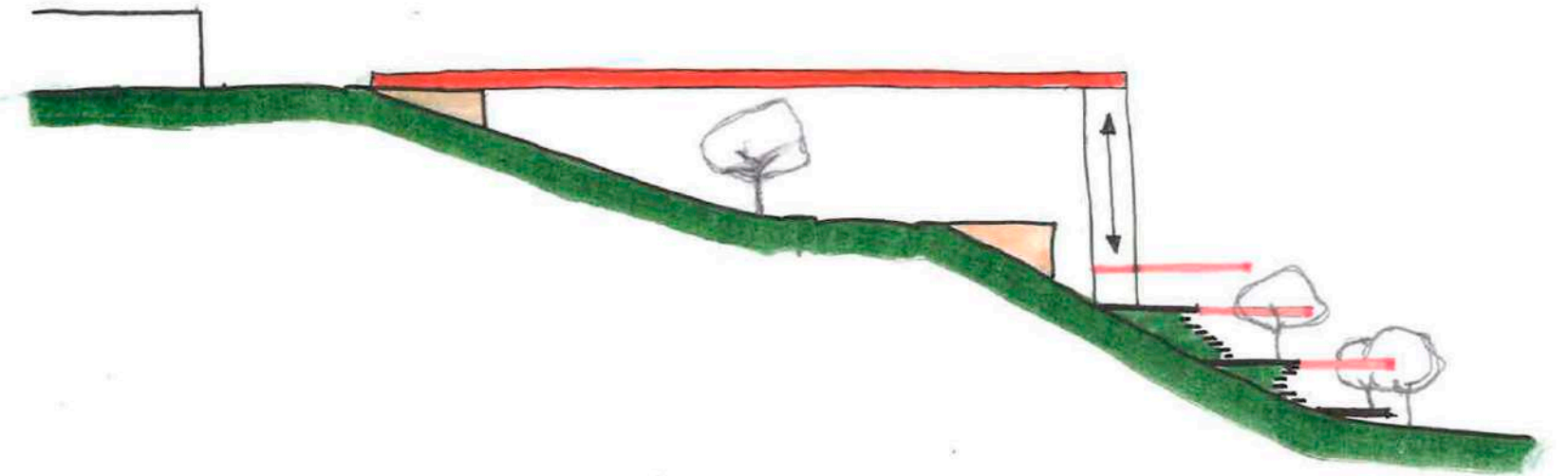


- III VIAS
- PISO
- COBERTURA
- MIRANTE
- PASSARELA
- TALUDE
- EDIFÍCIOS

PLANTA  
sem esc.

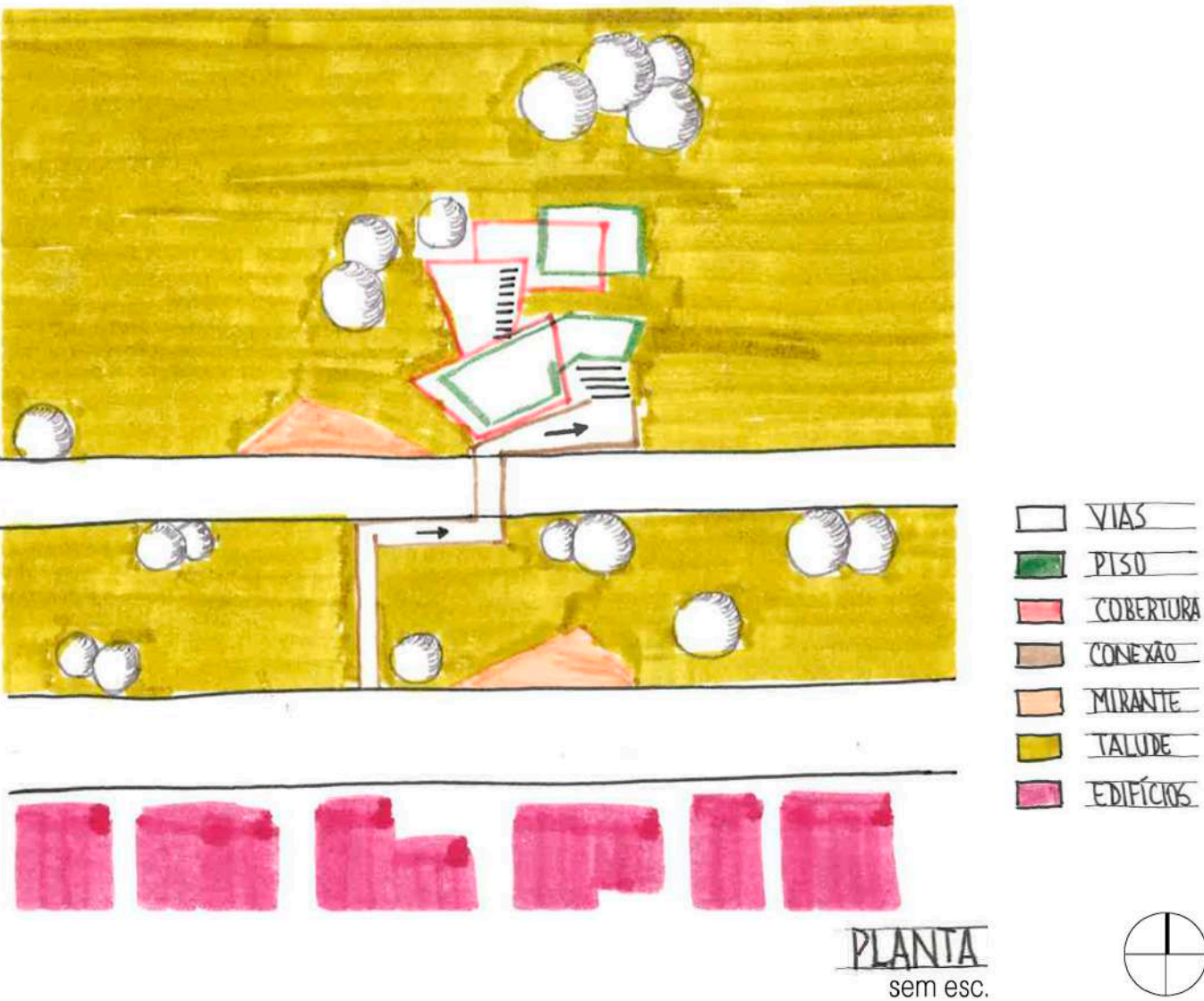


Neste estudo, a proposta explora a topografia de forma a tomar partido do desnível e evidenciar-lo a partir de um marco visual na paisagem. A conexão, que se faz a partir de uma passarela, inicia na Avenida Anchieta e cruza a Rua Borba Gato, ampliando o espaço de observação e conexão com a vista, e possui circulação vertical em sua extremidade oposta. Esta dá acesso ao espaço que se conecta de forma mais física a natureza. O espaço, composto por coberturas que se transformam em piso e vice-versa, permite uso múltiplo, explorando as possibilidades de encontro entre pessoas e o contato sensível com a natureza. Por fim, para complemento do mirante existente na Avenida Anchieta, propõe-se um mirante na rua Borba Gato. O primeiro, voltado para Oeste e o segundo, para Leste, a fim de se complementarem como espacialidades e formas.

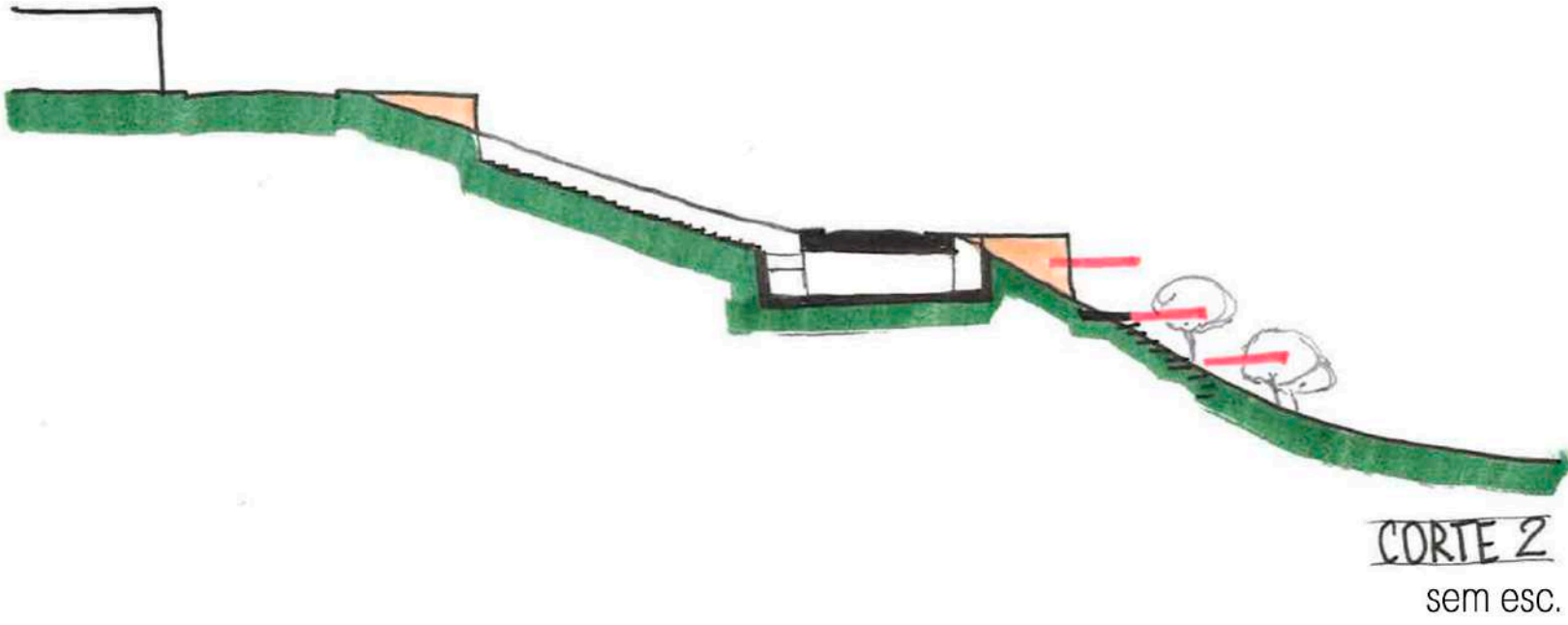


CORTE I  
sem esc.

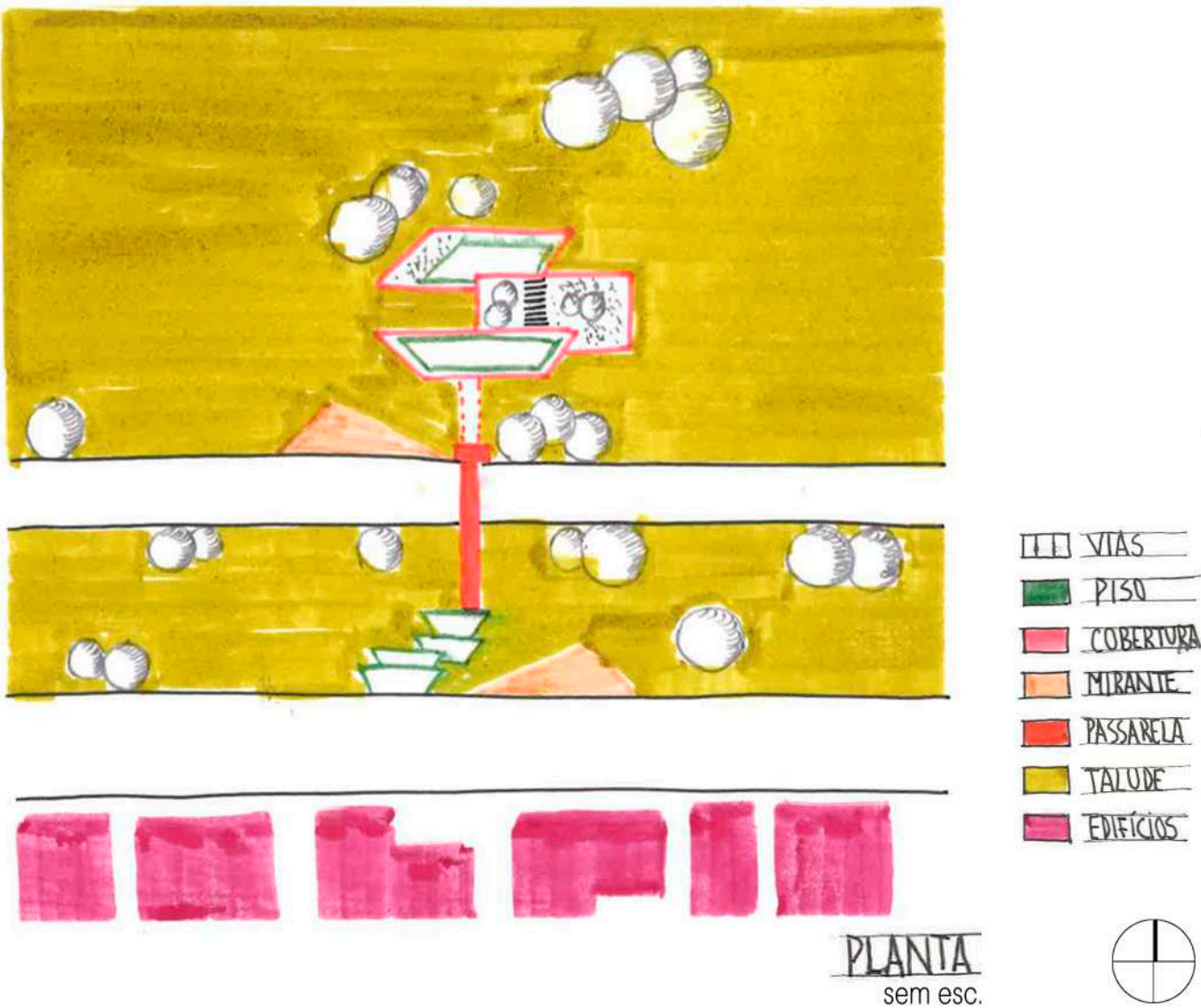
# ESTUDOS\_proposta 2



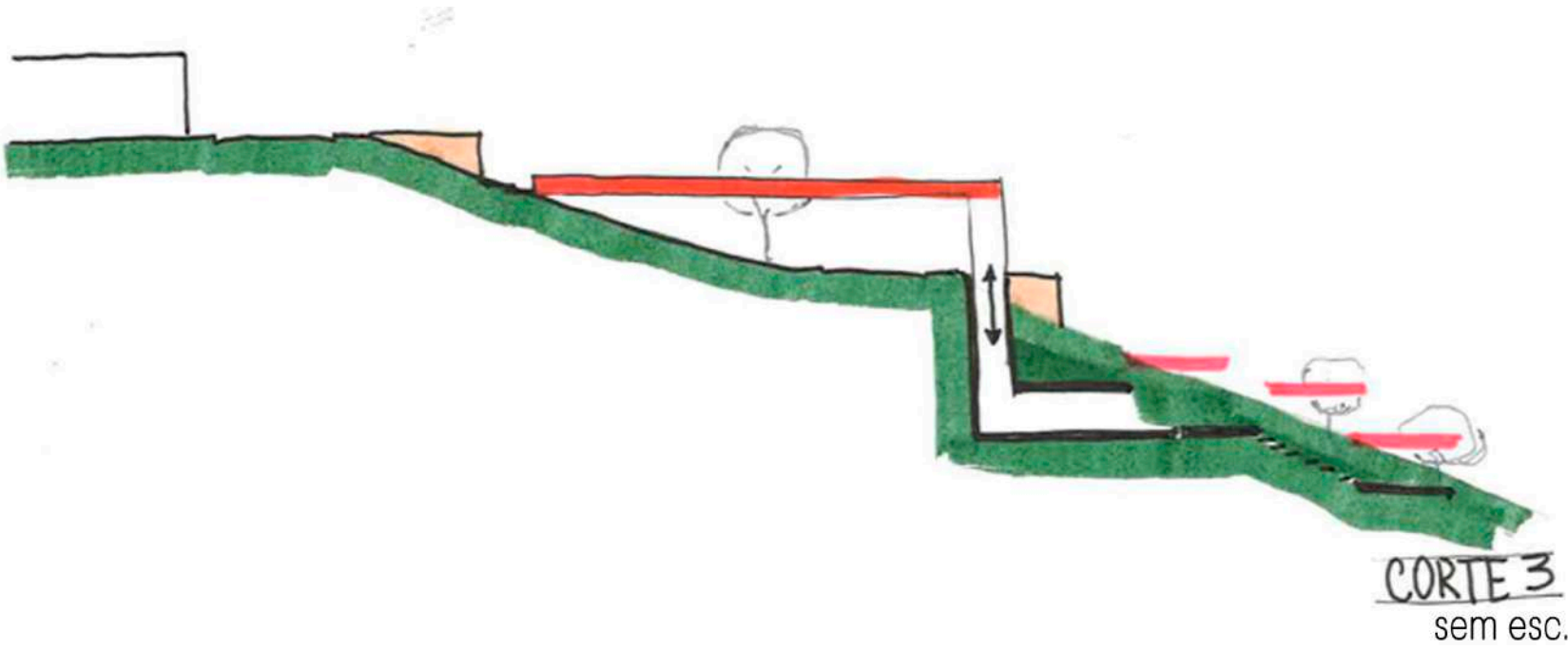
O segundo estudo de projeto explora a conexão de forma mais pontual e suave. Com referência no projeto El Puente de Moisés, o caminho se dá por uma passagem abaixo do nível do talude, sendo assim, quase imperceptível aos olhos dos passantes. Este caminho cruza a Rua Borda Gato por uma passagem subterrânea e resulta em uma experiência de surpresa ao pedestre que, ao sair desse caminho, encontra-se imerso no terreno, com a paisagem do Banhado a sua frente, uma referência ao projeto das Piscinas de Marés e seus momentos de enquadramento. Assim como no estudo 1, a existência de pisos e coberturas que configuram espaços amplos para diversas praticas coletivas e os mirantes em ambas as vias completam o projeto.



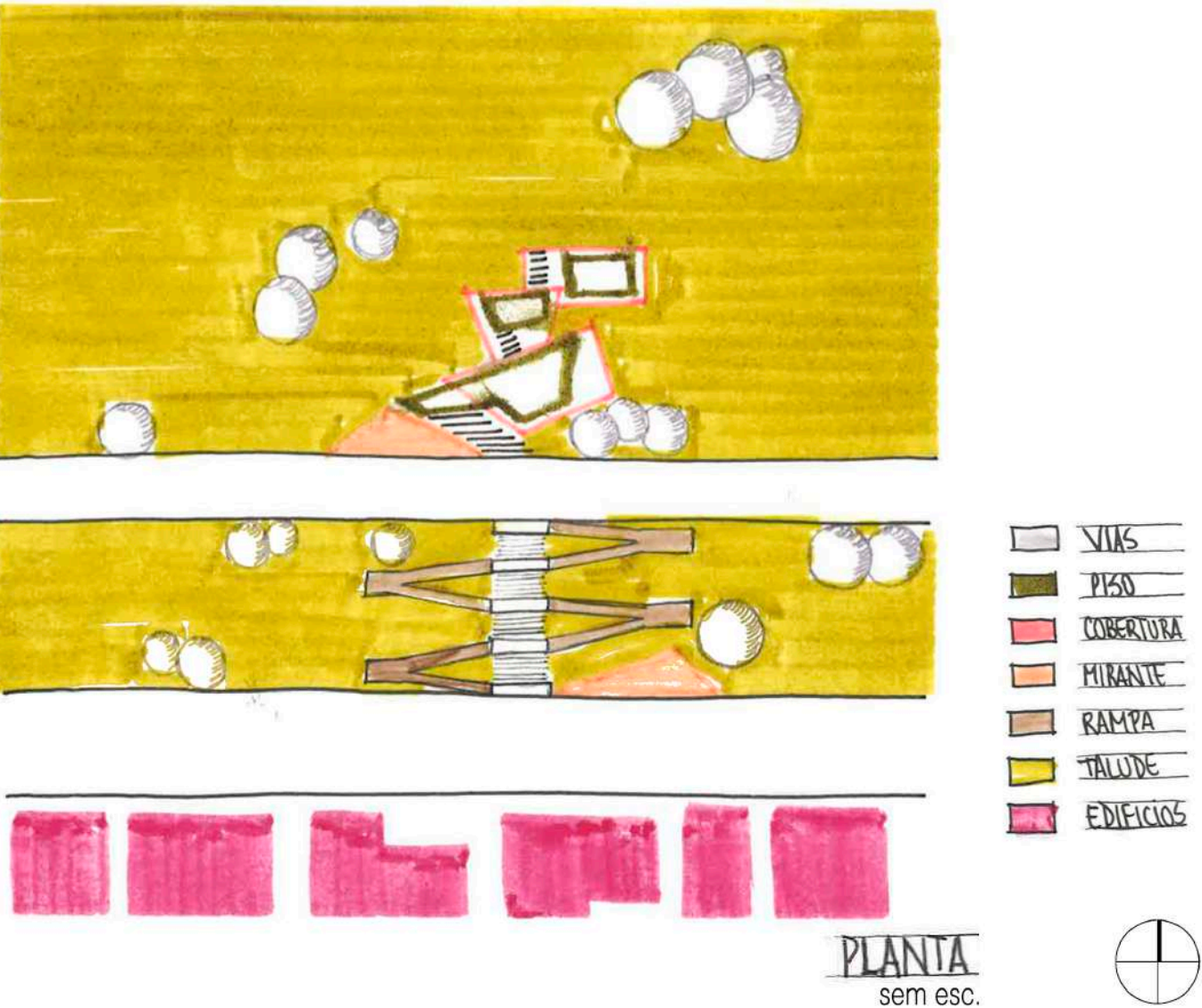
# ESTUDOS\_proposta 3



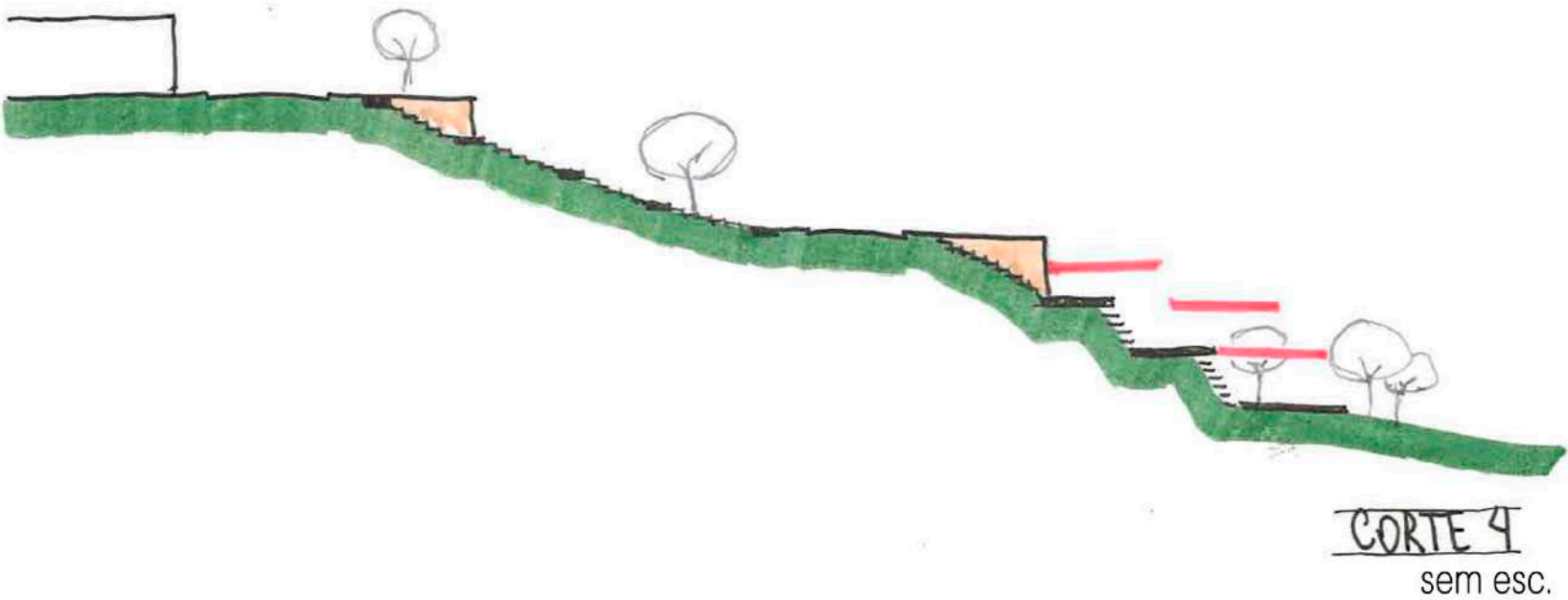
Nesta proposta, a conexão se desenvolve a partir de duas formas, visando suavizar a passarela existe na proposta 1, diminuindo assim sua presença como marco visual, além de possibilitar questões estruturais mais leves, uma vez o vão é menor. Assim, a passarela tem ponto de início no meio do talude existente entre as duas vias e, para chegar até esse ponto, pisos que se desenvolvem pelo desnível, como uma escadaria. O destaque desse estudo encontra-se na circulação vertical ao fim da passarela, que perfura o terreno e proporciona ao passante também um momento de surpresa ao percorrer o caminho até o espaço de pisos e coberturas e sentir-se saindo do próprio terreno, em meio a natureza.



# ESTUDOS\_proposta 4



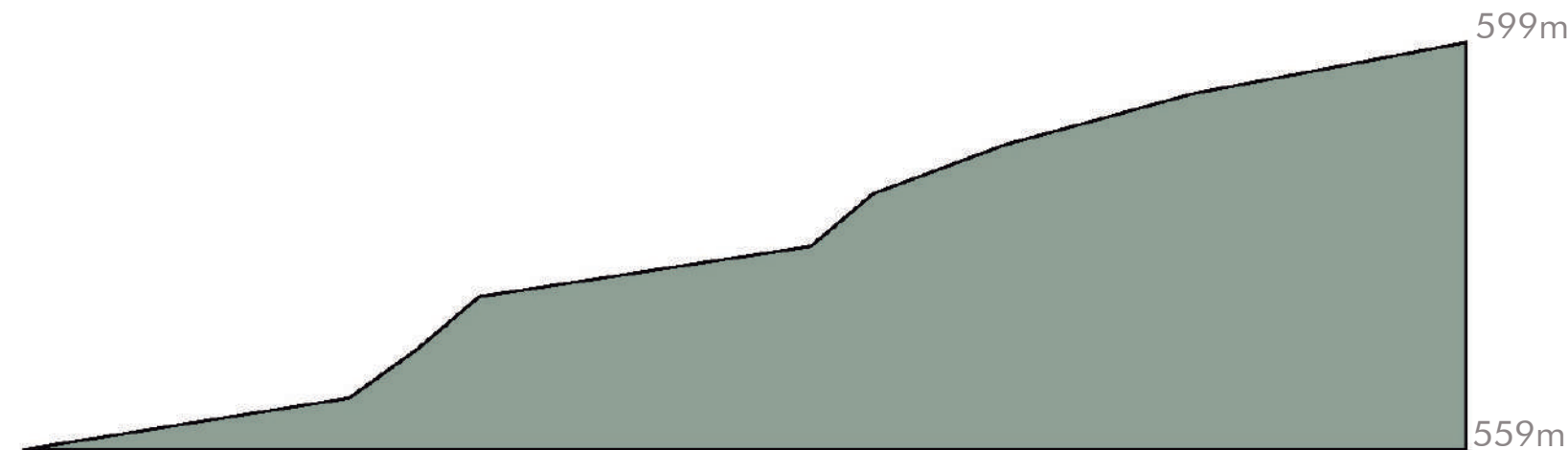
O último estudo de possibilidade de projeto propõe a conexão sem muitas interferências no terreno, tomando partido apenas de sua inclinação. Pensando em acessibilidade, facilidade de deslocamento, mas também em complemento de espaços de pausa e de estar para os mirantes e também para o espaço de coberturas e pisos, imerso na vegetação, o projeto se desenvolve a partir de uma grande escadaria que conecta as duas vias e é entrelaçado por rampas. Estas, em suas paradas para contorno, são qualificadas com patamares mais longos, permitindo a pausa e criando, ao longo do desnível, uma série de pisos de estar.



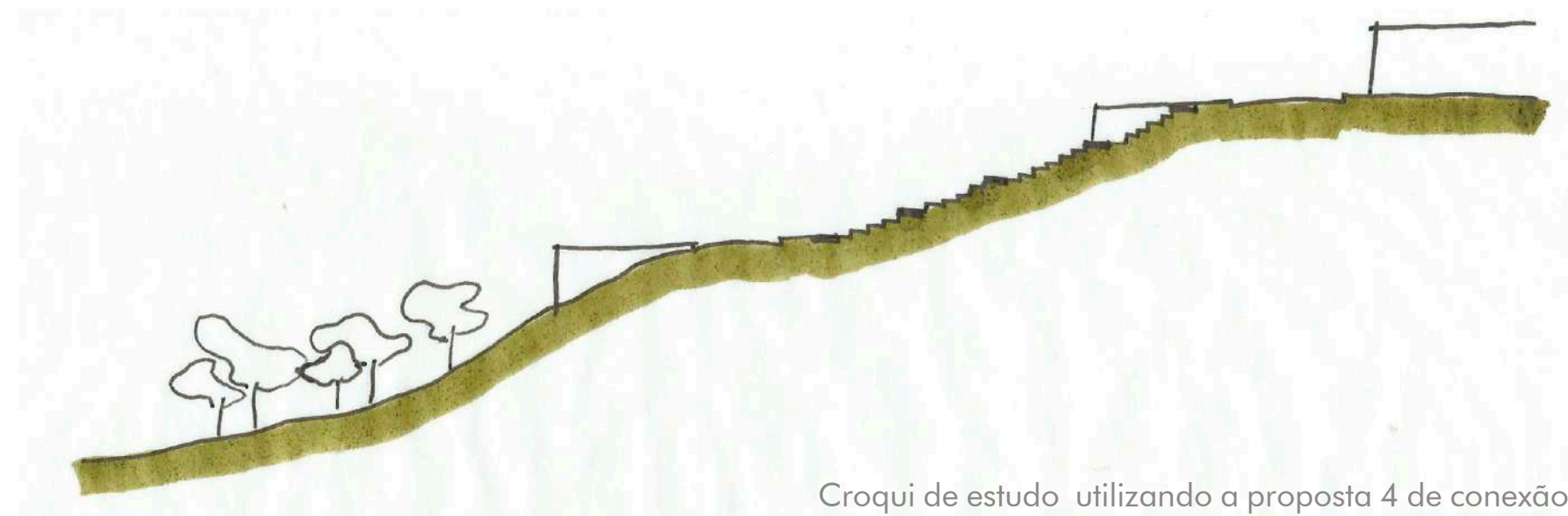


PONTO A

figura 35 . Conexão com núcleo II. Fonte: produção própria



Perfil do terreno no ponto A

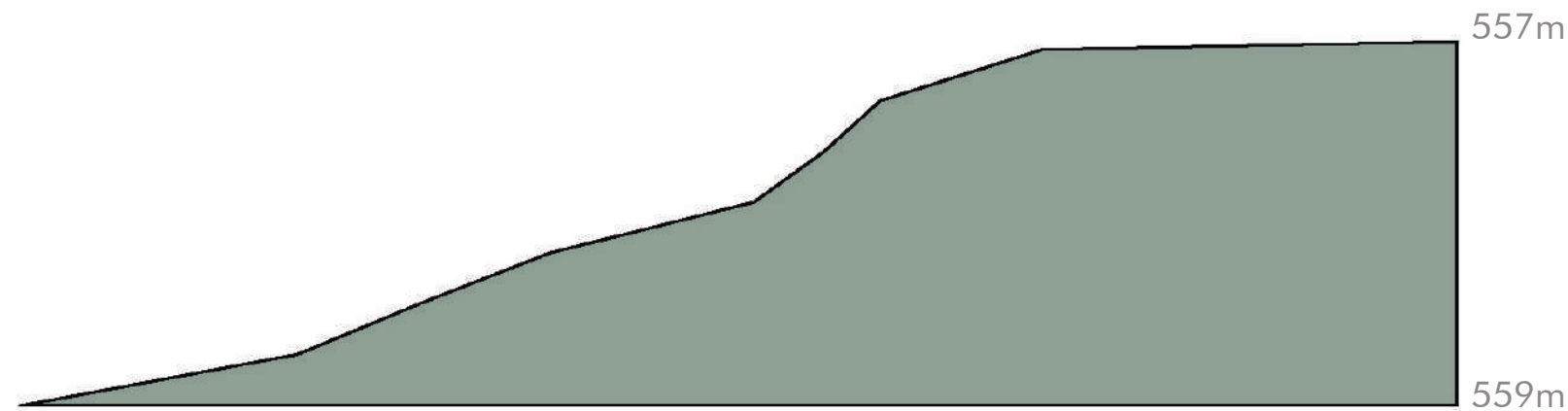


Croqui de estudo utilizando a proposta 4 de conexão

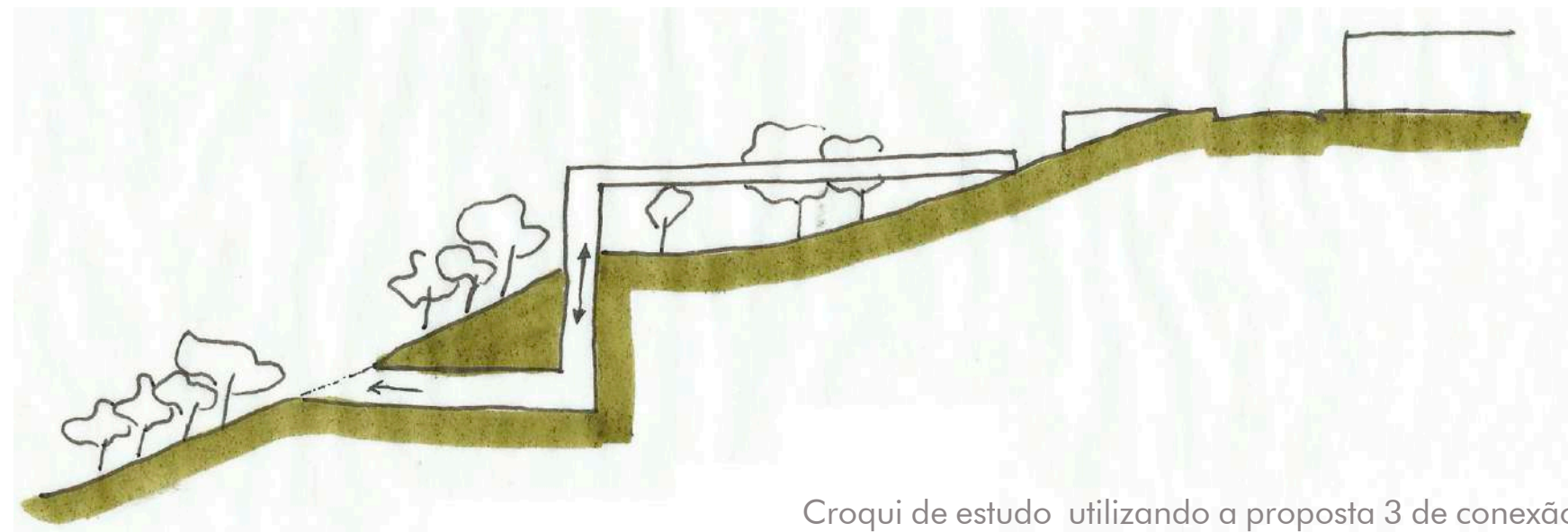


PONTO B

figura 36 . Conexão com núcleo I. Fonte: produção própria



Perfil do terreno no ponto B



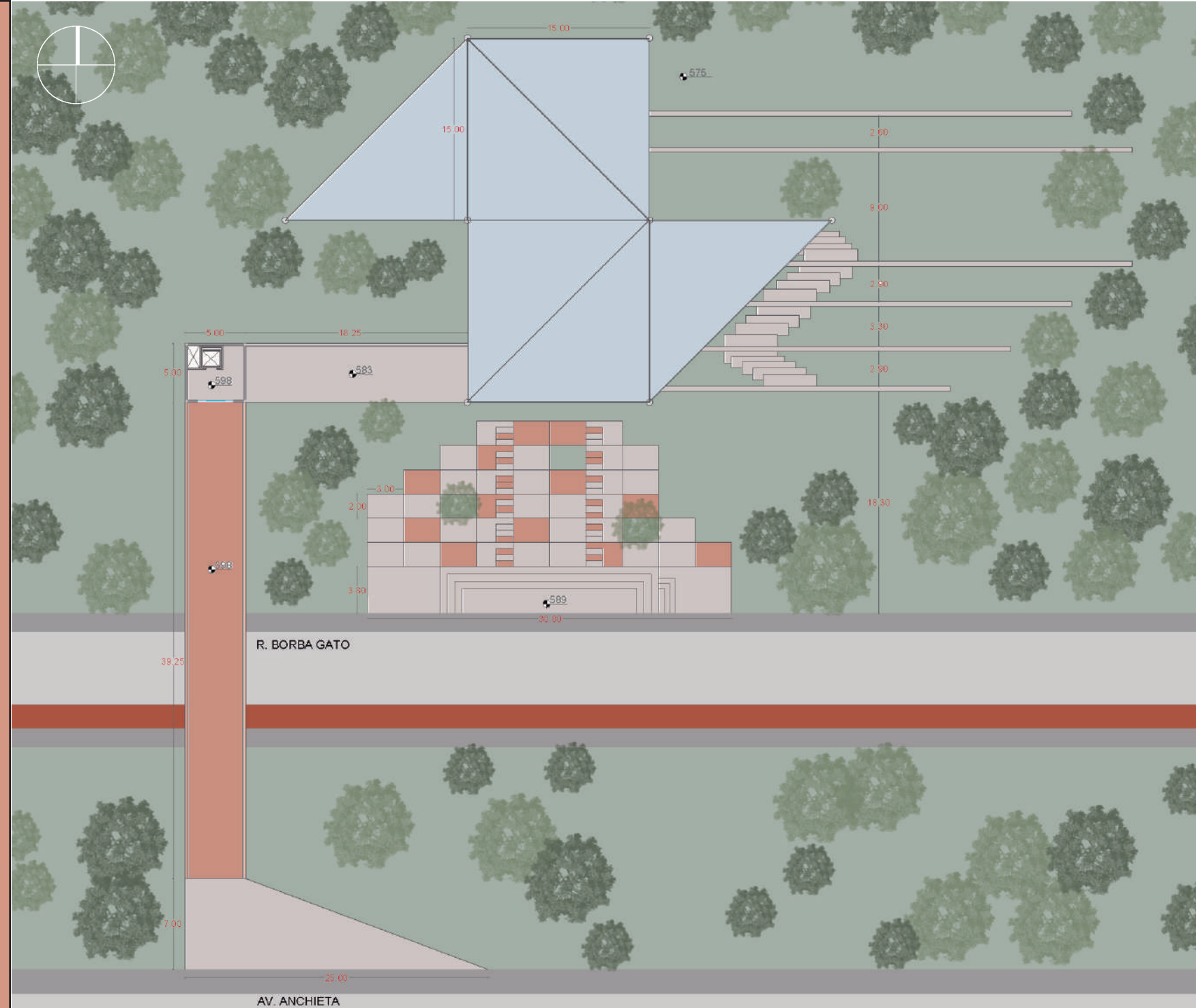
Croqui de estudo utilizando a proposta 3 de conexão

## 4. PROJETO

O percurso é feito de forma tal que não se trata apenas da chegada a um ponto, mas do percorrer e (observar) um caminho mais longo num ritmo menos acelerados, mais perceptivo, atento ao caminho e suas varias ambiências. O caminho, desta forma, é instigante, propondo um olhar menos voltado à simples função de direcionar, encaminhar.

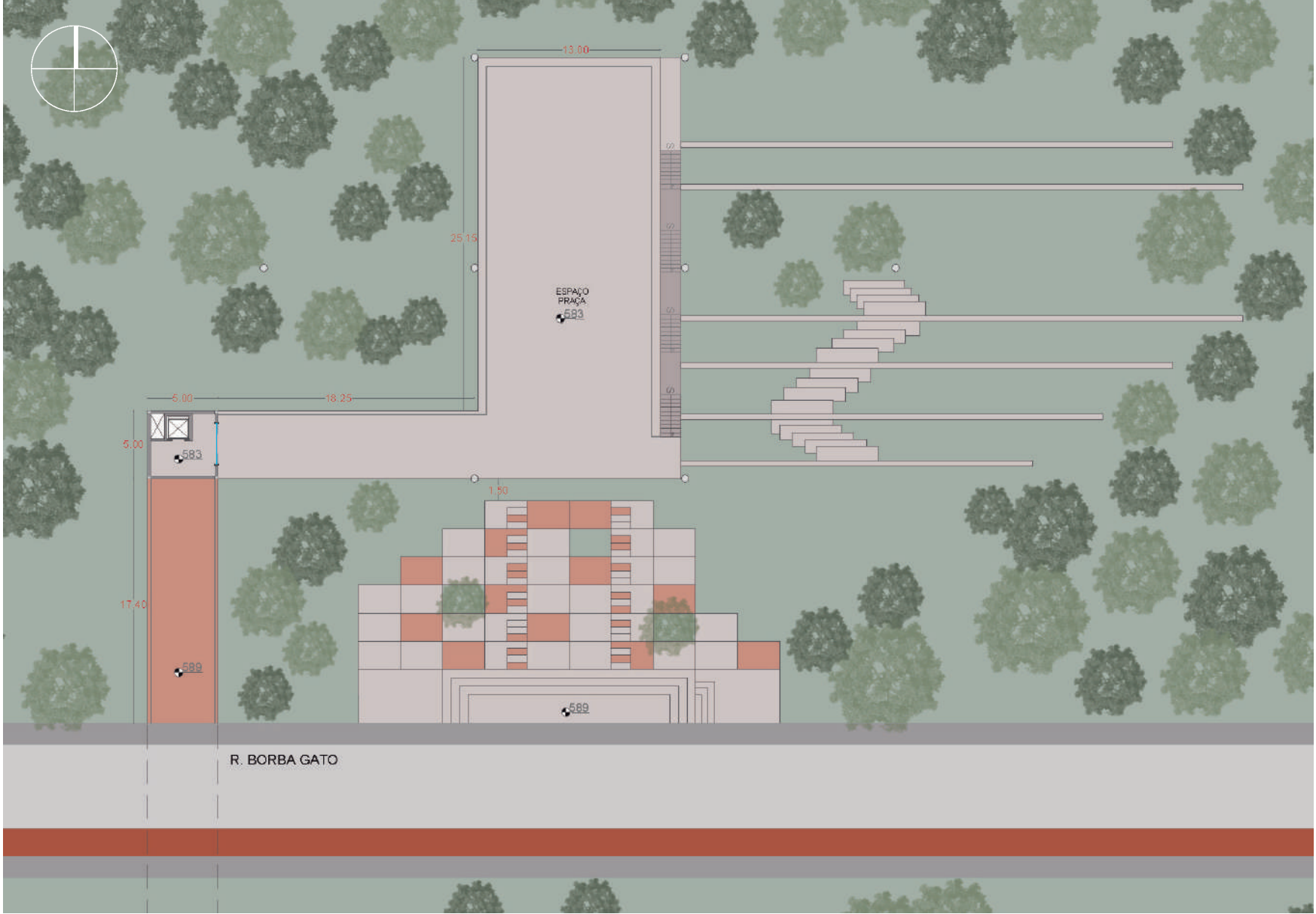
Todo o conjunto, propõem um olhar para frente, para o horizonte, de forma a aproximar-se da natureza, seja nas alturas, atravessando a passarela que se estende em forma de mirante; seja no sólido, através do enquadramento de suas aberturas; ou em contato direto com o solo, com a terra, como a vegetação, as formas de se relacionar como o espaço, com a paisagem e a natureza configuram um elemento do projeto.

Durante o processo de experimentações, fatores como o aproveitamento da formação geológica e sua visual foram fundamentais para reforçar a relação com o espaço. Assim, apresentaram-se elementos que reforçariam a ação projetual e que remetessem às características do lugar, seja através da materialidade, seja através do forma em si.

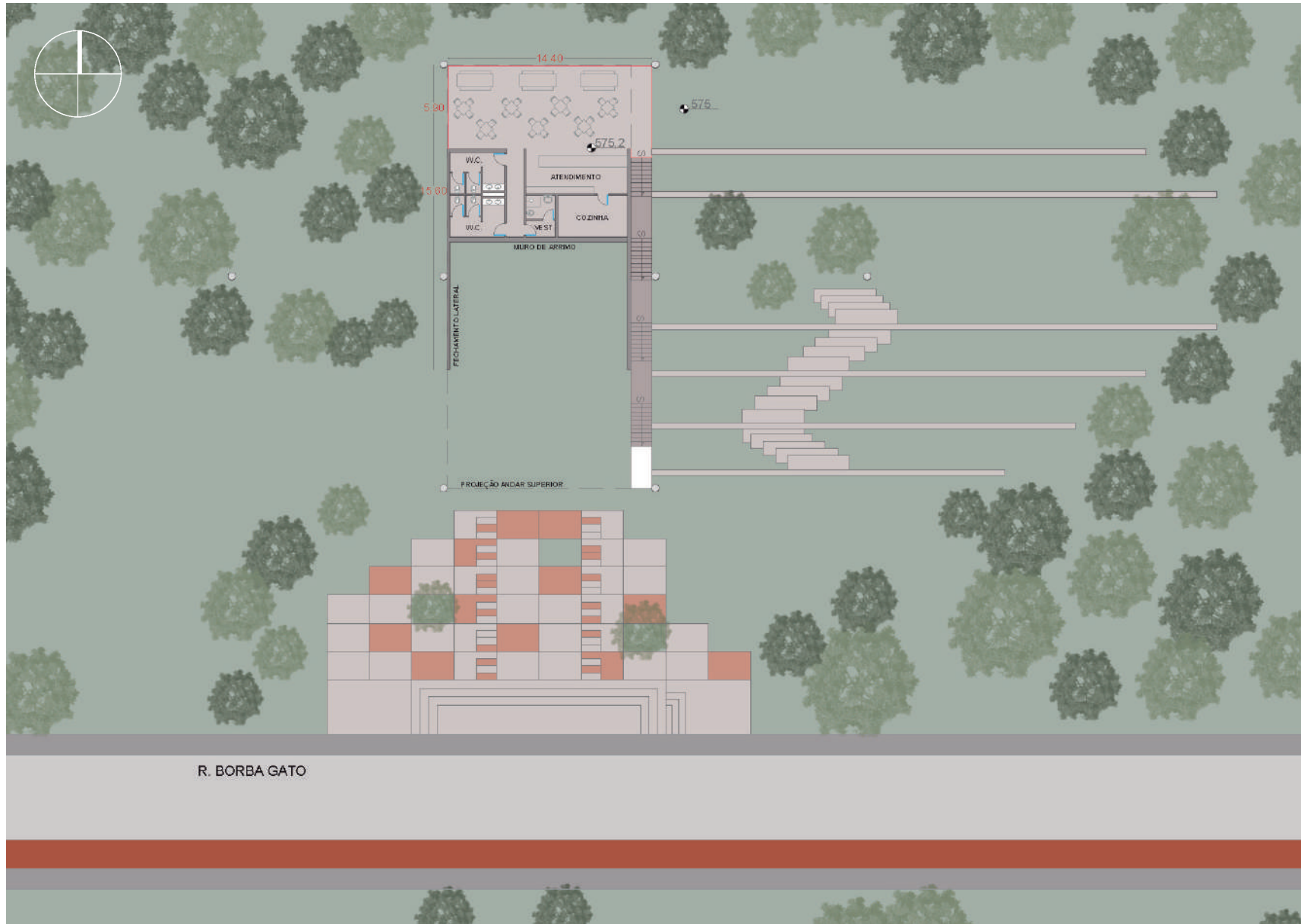




PLANTA TÉRREO



PLANTA SUBSOLO 1



PLANTA SUBSOLO 2

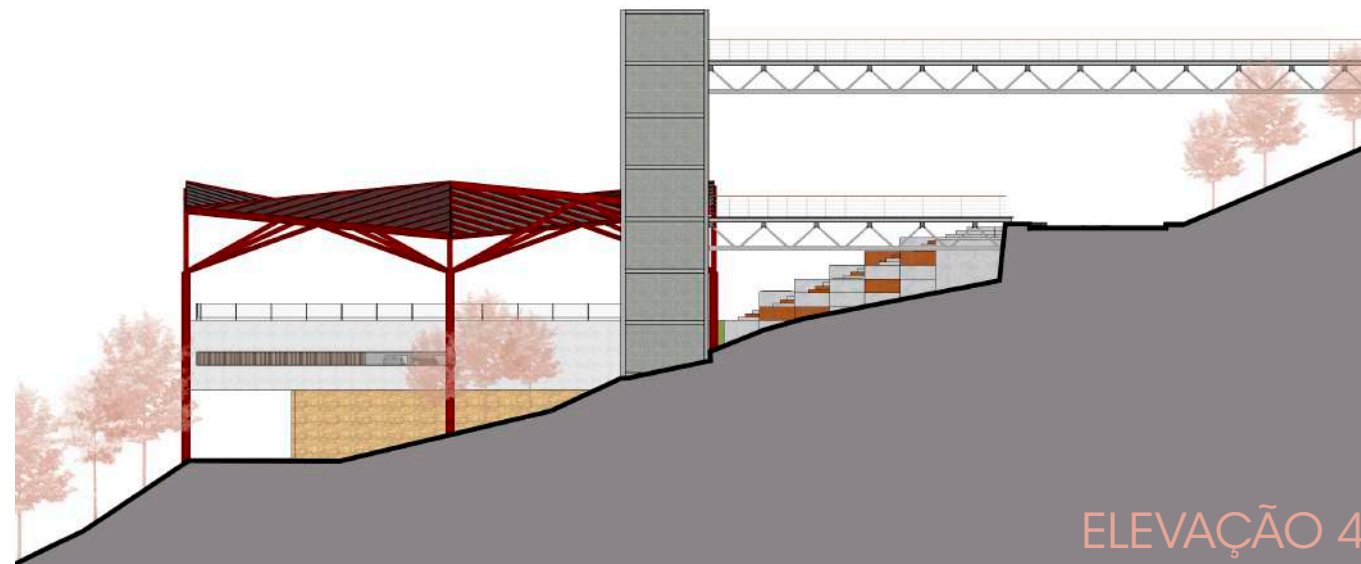
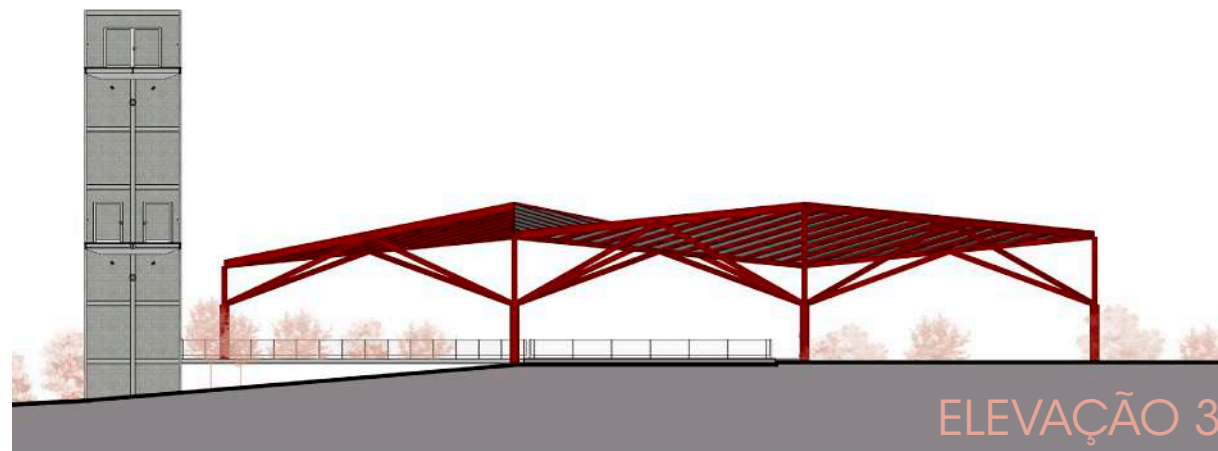
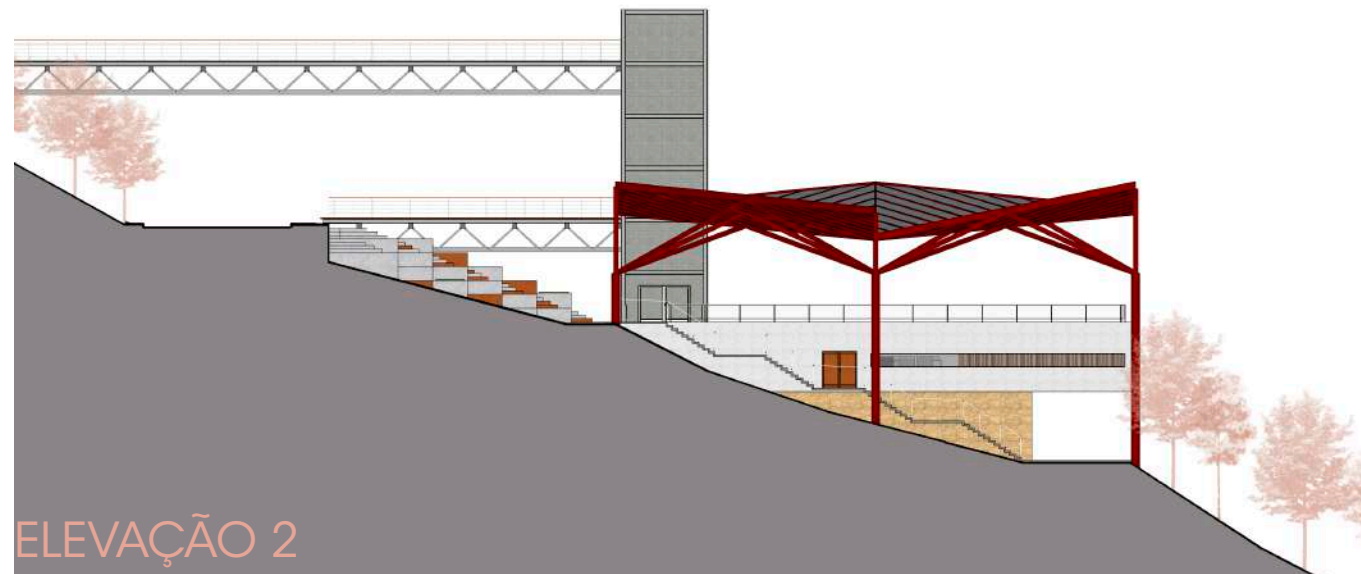
# FLUXOS



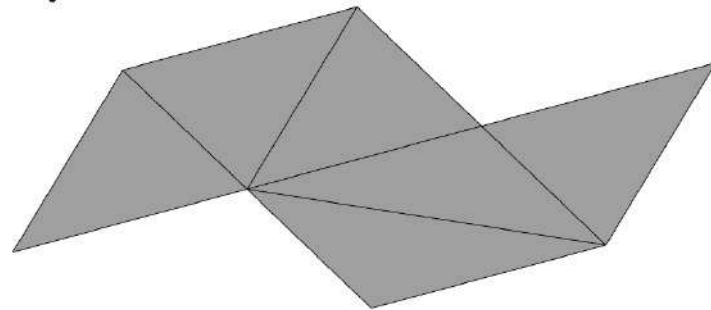
# CORTE LONGITUDINAL



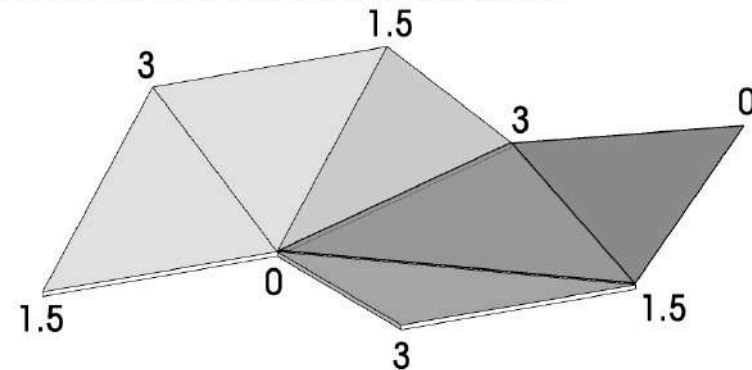
# ELEVAÇÕES



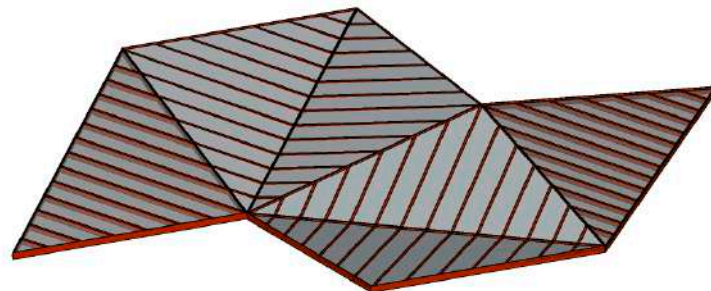
TRIANGULAÇÃO NO PLANO



DESLOCAMENTO DOS VÉRTICES EM 3 ALTURAS



ESTRUTURA DE PERFIL METÁLICO

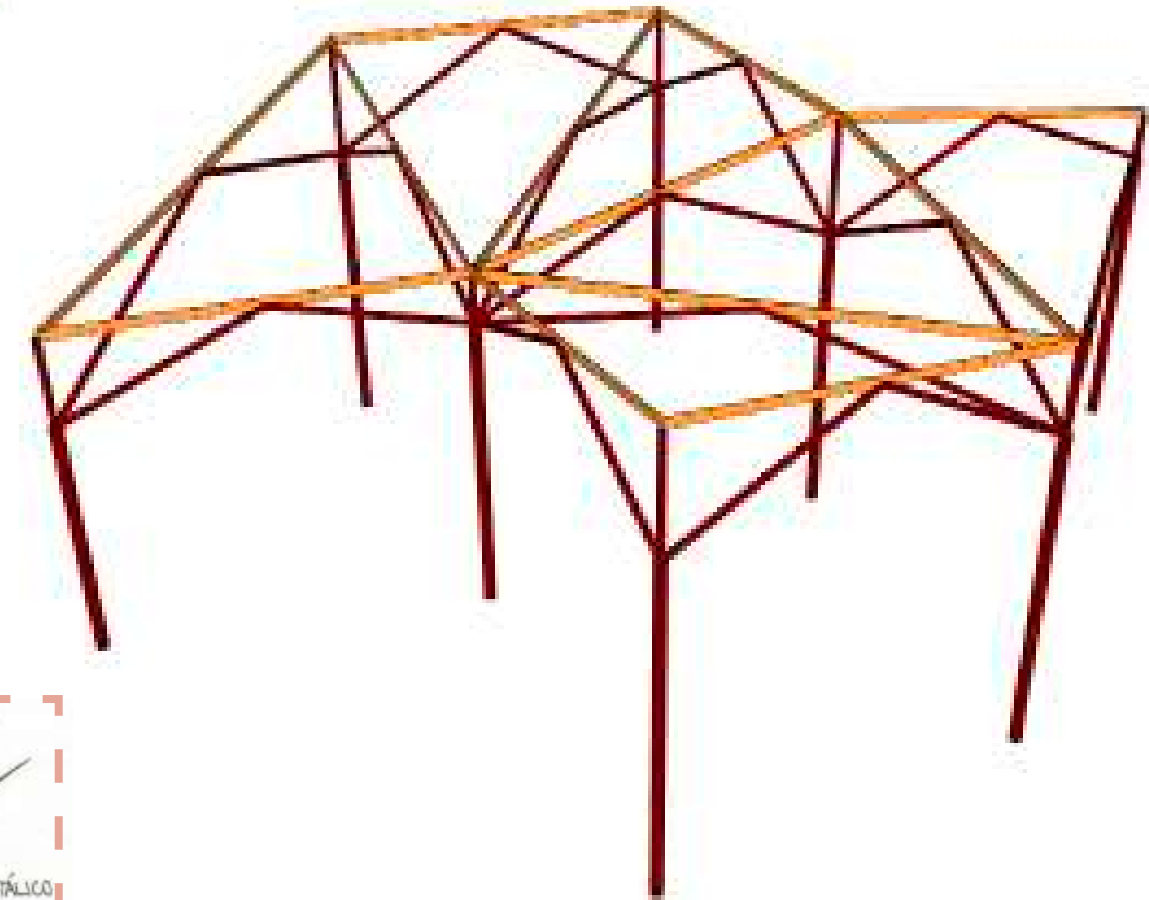
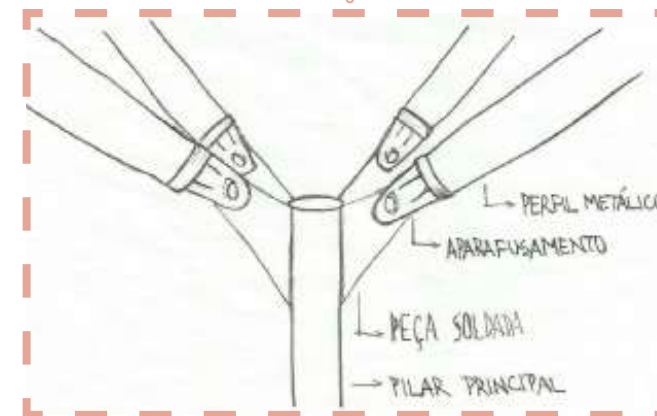


Além de proporcionar um espaço praça que se configura como aberto, a cobertura propicia seu uso em diversos momentos, multiplicando as possibilidades de evento. Atua também, como conexão entre as partes do projeto, mas também como elemento figurativo, retomando a ideia de natureza e mesclando-se entre a vegetação do Banhado. A estrutura tem modulação 15x15m e, através da triangulação e diferentes alturas de vértices, propõe uma percepção diferente para o observador. Isto acontece, principalmente, por conta dos perfis metálicos que se ramificam a partir do pilar principal e fixam-se nos vértices e pontos médios de cada lado, sustentando a estrutura perimetral, proporcionando a estética similar a de galhos e troncos de árvores. A fixação desses perfis ocorre por meio de aparafusamento de peças soldadas no pilar principal e encaixe da estrutura metálica.



COM FECHAMENTO

DETALHE FIXAÇÃO



ESTRUTURA BASE

# RENDERS



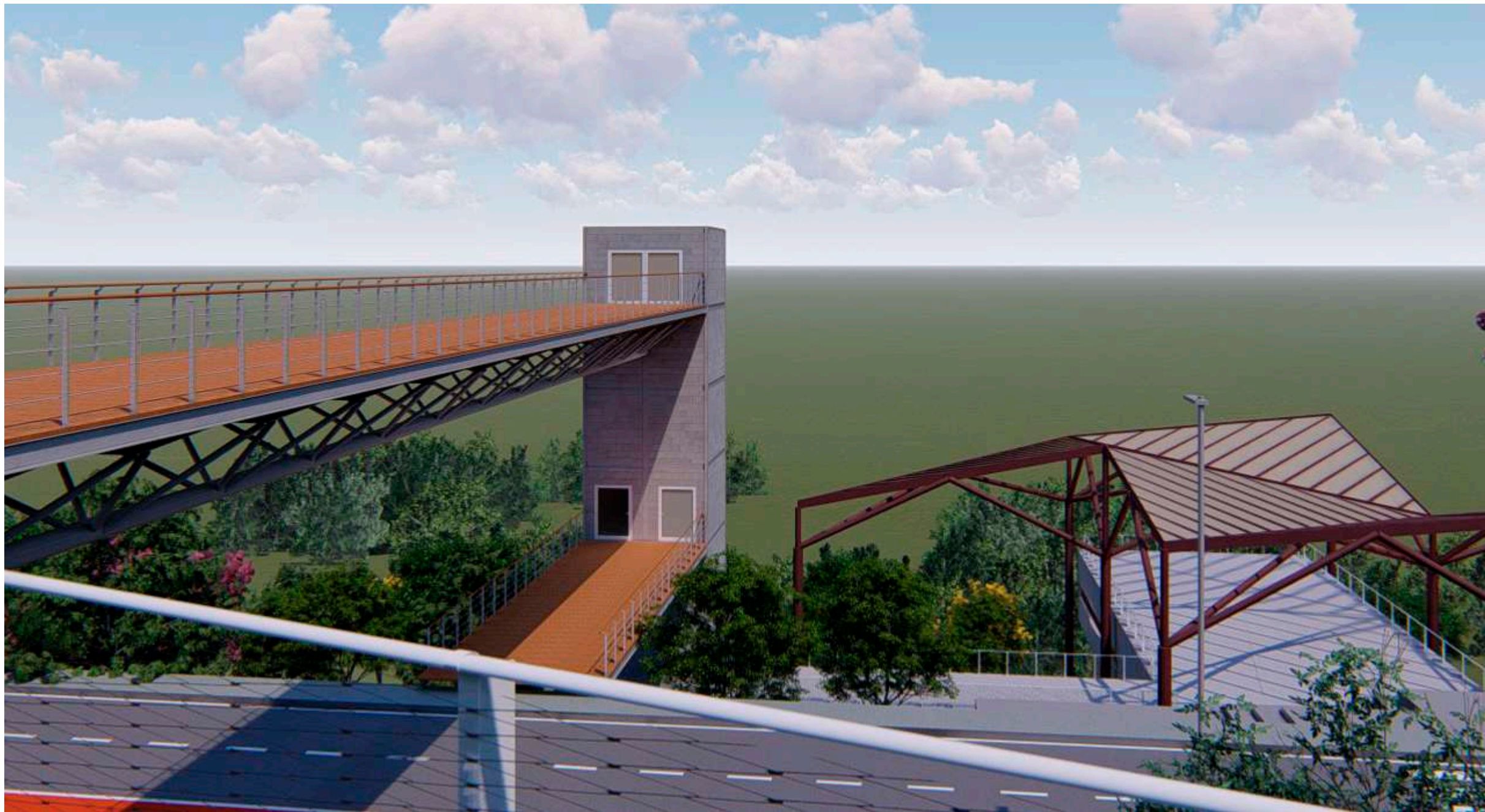


Imagem 2 . Vista do mirante  
na Av. Anchieta

Imagem 3 . Vista voo de pássaro  
da totalidade do projeto.





Imagem 4 . Vista do pedestre na Rua Borba Gato.

Imagem 6 . Vista do espaço de alimentação e a integração direta com o Banhado.

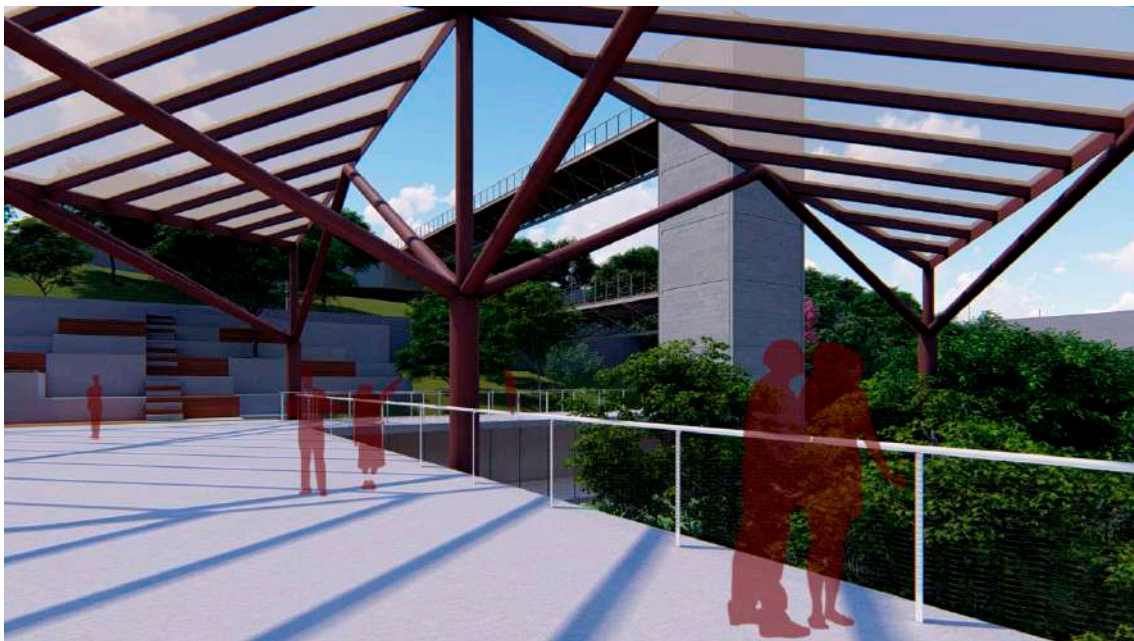


Imagem 5 . Vista do espaço praça com a circulação vertical ao fundo.

Imagem 7 . Vista do pedestre na área verde.





Imagem 8 . Vista do pedestre no mirante da Av. Anchieta.

Imagem 9 . Vista do observador na passarela da Av. Anchieta



Imagem 10 . Vista do ciclista ou pedestre na R. Borba Gato, com a passarela ao fundo.





Imagem 11 . Vista da arquibancada, passarela e edifício.

Imagem 12 . Vista do pedestre na area verde com mobiliários e diversidade de vegetação.



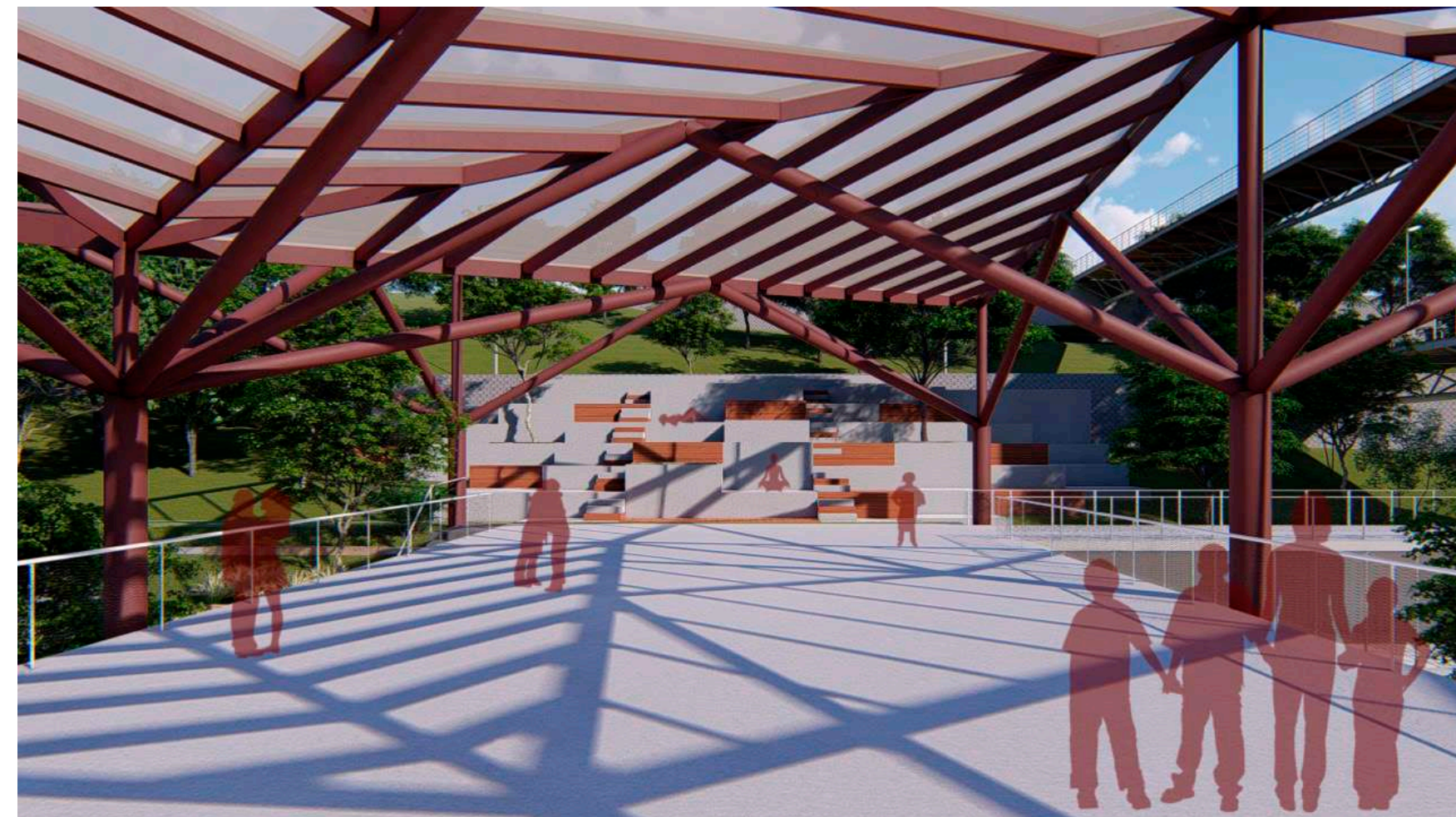


Imagem 13 . Vista do espaço praça com Banhado ao fundo.



Imagem 14 . Vista do observador na arquibancada.

Imagem 15 . Vista do observador no espaço praça com arquibancada ao fundo e destaque para estrutura da cobertura.



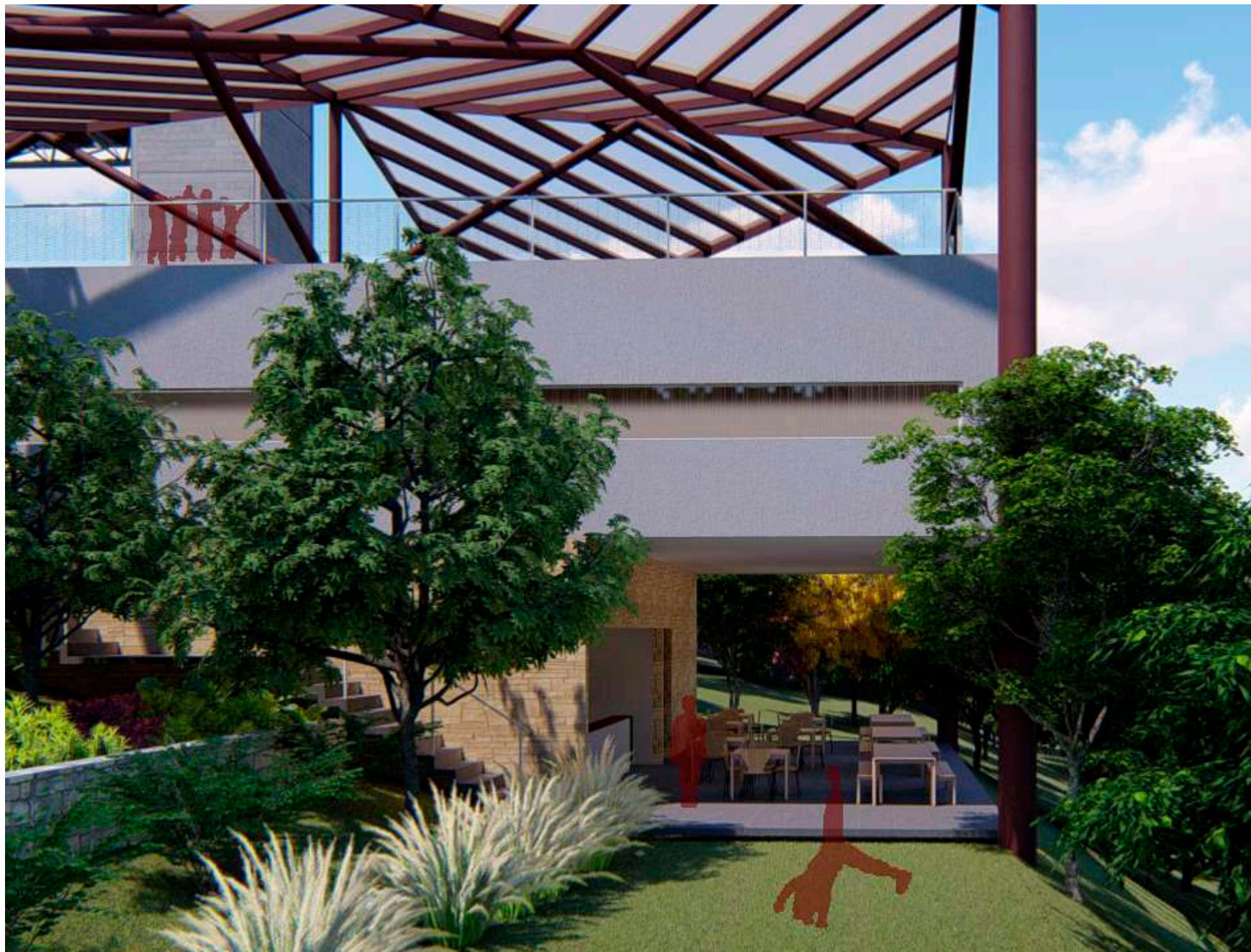


Imagem 16 . Conexão área de alimentação e área verde.

Imagem 17 . Passagem circulação vertical para espaço de atividades.

Imagem 18 . Vista da área de alimentação para o Banhado.

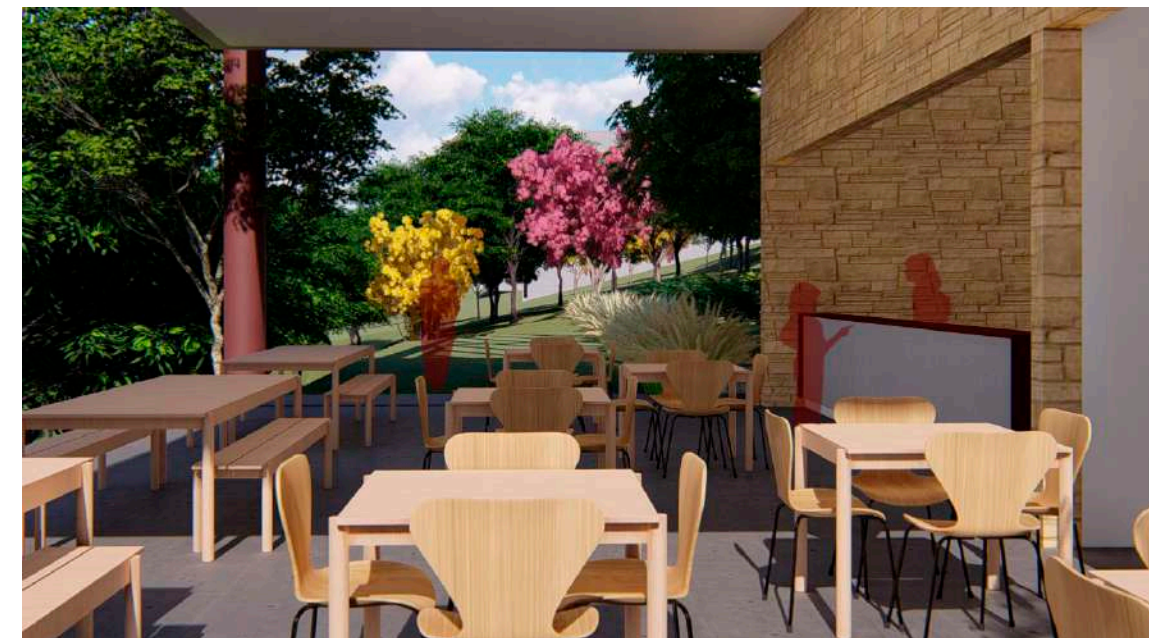




Imagem 19 . Detalhe janela com vista externa.

Imagem 21 . Vista do observador em dos espaços de atividade.



Imagem 20 . Vista das áreas de atividade e exposição, com destaque para os painéis/divisórias.

Imagem 22 . Vista do observador em dos espaços de atividade.



## 5. REFERÊNCIAS

HEIDEGGER, Martin. Construir, habitar, pensar, 1954, [PDF]

NORBERG-SCHULZ, Christian. Genius loci: towards a phenomenology of architecture. New York, Rizzoli, 1980

OKAMOTO, J. Percepção Ambiental e Comportamento, São Paulo, Editora Mackenzie, 2002

PALLAMIN, Vera. Fenomenologia, paisagem e arte contemporânea. São Paulo, Paralaxe, v.3, 2015

THIBAUD, Jean-Paul. A cidade através dos sentidos. Paris, Editions Economica, 2010, pp.198-213

Sites:

Acesso em 4/07/2020: <http://www.camarasjc.sp.gov.br/promemoria/historia-sjc/>

Acesso em 05/07/2020: <http://planodiretor.sjc.sp.gov.br/home>

Acesso em 22/07/2020: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/sao-jose-dos-campos/panorama>

Imagens:

Sanatório Vicentina Aranha

Acesso em 17/07/2020: <https://i.pinimg.com/originals/35/7c/ff/357cff0c4facbe48ff1354f81aa1ed03.jpg>

Aeroclube de São José dos Campos

Acesso em 17/07/2020: <https://www.aerosjc.com.br/site/aeroclube-de-sao-jose-dos-campos/aeroclube-de-sao-jose-dos-campos>

Centro junto ao Banhado

Acesso em 17/07/2020: [https://www.achetudoeregiao.com.br/sp/sao\\_jose\\_dos\\_campos/foto.htm](https://www.achetudoeregiao.com.br/sp/sao_jose_dos_campos/foto.htm)

Serpentine Pavilion

Acesso em 10/04/2020: [https://www.archdaily.com/242751/serpentine-gallery-pavilion-2012-photos-by-danica-o-kus/6-328?next\\_project=no](https://www.archdaily.com/242751/serpentine-gallery-pavilion-2012-photos-by-danica-o-kus/6-328?next_project=no)

Acesso em 10/04/2020: <https://www.serpentinegalleries.org/whats-on/serpentine-gallery-pavilion-2012-herzog-de-meuron-and-ai-weiwei/>

Water Temple

Acesso em 25/03/2020: <https://www.flickr.com/photos/43355952@N06/galleries/72157622781015956/>

Acesso em 27/03/2020:<https://www.japanvisitor.com/japan-temples-shrines/water-temple-honpukuji>

Mallabia Square

Acesso em 20/05/2020: <https://www.archdaily.com/910830/transformation-of-a-square-in-mallabia-a-zab>

Acesso em 20/05/2020:<https://revistaplot.com.br/praca-em-mallabia/>

El puente de Moisés

Acesso em 30/04/2020: <https://www.archdaily.com.br/br/01-11144/a-ponte-de-moises-ro-e-ad-architecten>

Acesso em 30/04/2020:<https://ecoinventos.com/el-puente-de-moises/>

Elevador público e passarela pedonal

Acesso em 02/05/2020: <https://www.archdaily.com.br/br/770711/elevador-publico-e-passarela-pedonal-vaumm>

Piscinas de Marés de Leça das Palmeiras

Acesso em 30/03/2020: <https://www.archdaily.com.br/br/796349/as-piscinas-de-mares-de-leca-da-palmeira-de-alvaro-siza-vieira-completam-50-anos>

Recinto Ferial de Cuenca

Acesso em 20/09/2020: <http://www.arquitour.com/recinto-ferial-de-cuenca-moneo-brock-studio-arquitectos/2012/09/>